



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS SÃO BERNARDO  
LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**CAROLINA LIMA COSTA**

**CLIO:  
DO DISCURSO POÉTICO AO DISCURSO HISTÓRICO**

**SÃO BERNARDO  
2019**

CAROLINA LIMA COSTA

**CLIO:**  
DO DISCURSO POÉTICO AO DISCURSO HISTÓRICO

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador (a): Alina Silva Sousa de Miranda

SÃO BERNARDO  
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Costa, Carolina Lima.

CLIO: DO DISCURSO POÉTICO AO DISCURSO HISTÓRICO /  
Carolina Lima Costa. - 2019.

67 f.

Orientador(a): Alina Silva Sousa de Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São  
Bernardo, 2019.

1. Antiguidade. 2. Epopeia. 3. Heródoto. 4.  
História. I. Miranda, Alina Silva Sousa de. II. Título.

CAROLINA LIMA COSTA

**CLIO:**  
DO DISCURSO POÉTICO AO DISCURSO HISTÓRICO

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador (a): Alina Silva Sousa de Miranda.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alina Silva Sousa de Miranda (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Tedson Mayckell Braga Teixeira  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Gustavo Freitas Pereira  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Aos meus pais e aos meus padrinhos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grata a providência divina, pois minha fé me promoveu uma experiência única na produção deste trabalho.

Agradeço a meus pais, Maria e Raimundo, pela confiança depositada em mim, pelas palavras de motivação, alegrias, compressão e por todo o apoio recebido.

Agradeço a meu eterno padrinho, Raimundo, que trago sempre na memória o momento que me incentivou e sonhou comigo desde meus primeiros passos em direção a meu sonho de ingressar na universidade. Apesar de seu falecimento, sua lembrança sempre esteve comigo durante esses anos. E a minha madrinha, Francisca, que sempre esteve presente e disponível para me auxiliar em meus estudos.

Agradeço a minha orientadora, professora Alina Miranda, por disponibilizar seu tempo e comprometimento com a orientação dentro e fora do grupo de estudos, até mesmo em períodos de férias. Por apontar possibilidades no qual mergulhei em níveis profundos dentro de minha liberdade como estudante. Por me apresentar leituras que despertaram em mim o amor e o encanto pelos estudos, pela escrita acadêmica. E agradeço ao professor Wandêilson Miranda pelo seu auxílio e acompanhamento deste trabalho.

Sou grata também aos meus amigos que compartilharam comigo experiências na academia, em especial Emanuely Monteiro, Luciano Brandão e Diego Paes que gastaram tempo e amizade comigo neste processo de escrita monográfica. Aos meus amigos de minha turma 2014 Antônio Carlos, Tamires e Luana pelos anos de amizade e parceria.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram neste processo riquíssimo no qual tive a oportunidade de me apaixonar pelos estudos.

## RESUMO

Este trabalho tem como principal propósito lançar um olhar para a escritura da história na Grécia clássica. A existência da autoria é um elemento presente nos registros homéricos e herodotianos. A presente pesquisa investigou como a autoria se revela em ambos os registros e como os mesmos foram influentes para os homens contemporâneos a essas narrativas. Além da figura dos personagens, *aedo* e historiador, sem suas fontes o discurso não teria alcançado os créditos de reconhecimento. Assim, foi buscado apontar como a escrita histórica do passado foi criada, iniciada. Contudo, foi pesquisado como a pessoa do historiador se revelou como autor do seu discurso andando em harmonia com a produção poética. Baseado nesta proposta foi almejado enfatizar, através do estudo das *Histórias*, as possibilidades da história vinculada ao historiador e como ela se relaciona dentro de uma tradição onde o divino é real. Enfim, a partir dessa relação foi alcançado o entendimento ao se tratar da metodologia histórica e suas fontes, e consequentemente alcançar o conhecimento das culturas por meio da investigação contida nas *Histórias*.

**Palavras-chave:** História. Epopeia. Heródoto. Antiguidade.

## **ABSTRACT**

This work's main purpose is to take a look at the writing of history in Classical Greece. The existence of authorship is an element present in the Homeric and Herodian records. The present research investigated how authorship is revealed in both records and how they were influential to men contemporary to these narratives. In addition to the figure of the characters, aedo and historian, without their sources the discourse would not have reached recognition credits. Thus, it was sought to point out how the historical writing of the past was created, started. However, it was researched how the historian's person revealed himself as the author of his speech by walking in harmony with poetic production. Based on this proposal, it was intended to emphasize, through the study of Stories, the possibilities of history linked to the historian and how it relates within a tradition where the divine is real. Finally, from this relationship, the understanding was reached when dealing with historical methodology and its sources, and consequently to reach the knowledge of the cultures through the investigation contained in the Stories.

**Keywords:** History. Epic. Herodotus. Antique.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
<b>1 A APROXIMAÇÃO ENTRE EPOPEIA E HISTÓRIA, AS CONTRIBUIÇÕES QUE OS POEMAS DE HOMERO TIVERAM NO NASCIMENTO DA HISTÓRIA. ....</b>	<b>14</b>
1.1 Especificidades: <i>aedo</i> e historiador .....	16
1.2 Epopeia e história: aproximação entre os feitos épicos e os feitos históricos .....	26
1.2.1 A autoridade nos discursos.....	29
<b>2 A PASSAGEM: DA GLÓRIA ETERNA (KLÉOS) DOS HERÓIS AOS MONUMENTOS HUMANOS .....</b>	<b>31</b>
2.1 O ofício do historiador e a presença do maravilhoso ( <i>tháuma</i> ) nos registros herodotianos.....	34
2.2 O distanciamento e herança em relação à tradição oriental .....	38
2.3 Heródoto e sua relevância para a escrita da história .....	41
2.4 A perenidade do autor vinculada à sua autoria.....	43
2.5 Heródoto e sua relatividade em relação à verdade .....	47
<b>3 UMA LEITURA DE HERÓDOTO: SUA PERMANÊNCIA EM RELAÇÃO A HERANÇA ÉPICA E A SUBJETIVIDADE DO HISTORIADOR (NASCIMENTO DA HISTÓRIA) .....</b>	<b>51</b>
3.1 A presença do divino na história: oráculos e sonhos.....	52
3.2 A subjetividade do historiador: alteridade dos povos e autoridade do discurso .....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	65

## INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade Grega há nas sociedades o compromisso com o passado, com as ações dos homens, mesmo que vinculadas à perspectiva divina, como é visível nas obras homéricas. Entretanto, é possível enxergar a historicidade em tal tradição, pois, os povos gregos e não-gregos foram responsáveis por construir uma narrativa. Ao se falar em antiguidade é possível correr um risco imediato de surgir o pensamento que esse determinado período é de difícil acesso em relação ao espaço de tempo, que existe uma fronteira entre o “nós” e “eles”, e isso pode resultar-se em uma problematização que desvalorize o berço da civilização Ocidental, mas aqui não há a intenção de aprofundar essa questão. Contudo, sem dúvida é relevante ressaltar que a Grécia e suas contribuições resultam efeitos até os dias recentes de nossa era, por exemplo, o que seria da historiografia atual sem a contribuição de Heródoto? Como é sabido, os antigos são fontes de conhecimento, suas contribuições são fundamentais para entender o homem inserido no mundo.

Com base nisso, podemos afirmar que a importância de Heródoto para o pensamento historiográfico foi e é indispensável. Os resultados de suas primeiras investigações são vistos atualmente (e foram em tempos de outrora) como uma contribuição no desenvolvimento que a historiografia percorreu durante os séculos. Mesmo o pensamento histórico variando no decorrer de sua trajetória não podemos, ou não devemos fechar os olhos para onde realmente a problemática se originou.

Com isso, destacamos que entre tantos elementos vinculados a história, nossa atenção e ênfase é sobre a relevância dos registros herodotianos para se pensar sobre a historiografia antiga, para refletir sobre o espaço que suas contribuições geraram no fazer histórico. Neste aspecto foram trabalhadas características inclusas em seus registros que reforçam essa ideia. Elementos de fundamental importância para a formação de nossa civilização em relação a ideia e reflexão que constituiu a tradição histórica. Neste cenário há a visibilidade das especulações de outrora que atingiram a história moderna.

Foi com base nesta visão, de que é necessário tentar aproximar-se da relevância da Grécia e sua inauguração historiográfica, que esta pesquisa monográfica se desenrolou. Entorno do problema da escrita da história e suas raízes vinculadas ao pensamento poético. É reconhecido e sabido que uma narrativa, um discurso, é uma forma de visibilidade (ou como se aproxima da realidade) da concepção de determinado período

e suas particularidades. Com este breve esclarecimento, é viável dirigir-se as duas composições distintas de narrativas abordadas neste trabalho: a narrativa poética e a narrativa histórica. Olhando para ambas as produções é viável observar como elas foram próximas e ao mesmo tempo enfrentaram um espaço que os distinguiram.

De acordo com Guterres o desvio de Heródoto, ou melhor dizendo, suas ações contribuintes para o pensar historiográfico provocou a abertura de novos possíveis pensamentos em relação a explicação cultural então transmitida entre as gerações gregas. O desvio herodotiano foi como o início do caminho historiográfico. Que fatalmente se afastou, mas de forma não radical, da explicação onde as Musas eram reconhecidas como responsáveis pela autoria. Segundo Guterres, a narrativa histórica se desviou da trilha do modelo cantado pelos poetas:

Heródoto recolhe as versões e apresenta a seus ouvintes-leitores uma síntese das interpretações. E ao mesmo tempo se contrapõe e apresenta sua própria versão, provocando um desvio, um elemento, elemento necessário para a constituição autoral. [...] os poetas não deixam, com isso, de serem os representantes de uma tradição fortemente enraizada entre os gregos. (GUTERRES, 2012, p. 79-80)

De acordo com Burrow (2013, p. 30)<sup>1</sup> é correto afirmar que:

Quando Heródoto fala em seu preambulo, em escrever para evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e para lhes dar a glória que merecem, sabe que está estendendo a mão para a épica homérica, que parece fazer exatamente isso. [...] A narrativa do grande conflito feita por Heródoto às vezes traz ecos de Homero que precisam ser levados em consideração, [...] a semelhança das reencenações dos acontecimentos e da apresentação dos personagens, a humanidade da narrativa e a maneira como esta inclui os elementos terrenos[...].

Em linhas gerais é possível afirmar que ambos os discursos tiveram como ponto em comum a narrativa, que foi trabalhada nessas produções, cada uma dentro de sua especificidade. Desde os poetas arcaicos ao historiador clássico, as narrativas tiveram contato com as ações dos homens, mesmo necessariamente não enfatizando a atividade humana como sendo responsável pelos eventos e sim as divindades, como é o caso encontrado nos versos homéricos. Como é sabido, há aproximação e afastamento entre os feitos épicos e os feitos históricos.

Contudo, é necessário apontar que a intenção existente aqui não se respalda de forma profunda na questão homérica e nas explorações de seus versos; porém, é

---

<sup>1</sup> Em particular foram utilizados o primeiro e segundo capítulo da obra de Burrow, *Uma história das histórias de Heródoto a Tucídides ao século XX*.

importante termos o cuidado de ter em mente que as epopeias foram a base inicial para a o nascimento da história antiga enquanto gênero. A intenção neste texto se volta de forma especialmente para a escrita da história na antiguidade, como esta característica surgiu, quais suas referências e sobre a autoridade do historiador em relação a seu discurso vinculado a sua própria metodologia.

Partindo disso, podemos esclarecer que este texto se desenvolveu de acordo com as reflexões de algumas interrogações como: qual a aproximação entre a história de Heródoto com as epopeias homéricas? Como se iniciou a escrita da história na Grécia antiga? Associados a essas questões, que são relevantes, é importante voltar o olhar para a configuração da sociedade clássica. E adicionando que o espaço acadêmico é justamente o campo em que as questões sobre inúmeras problemáticas devem ser visíveis e exploradas. Com base nisto podemos afirmar, de acordo com o tema deste trabalho de conclusão de curso, que são relevantes o contínuo movimento e as contribuições para a pesquisa acadêmica ao se tratar da historiografia. Retomando de maneira rápida a relevância dos estudos antigos, é interessante olhar para a idade clássica como “algo clássico”, ou seja, tem influência pelo simples nome que recebeu. Logo, questões ligadas aos gregos e bárbaros podem se fazer presentes em nossos dias atuais, como é o caso do diálogo entre os gêneros discursivos. Assim podemos ter noção de como as heranças do diálogo entre ambas as concepções foram relevantes para termos uma base de como (baseado nos autores consultados) se deu a relação entre as mesmas. E como isso fatalmente gerou influências na atualidade.

Ao apontar esta característica é relevante mostrar como a discursão histórica conversa com a epopeia e é atual, pois, a historiografia pós-moderna tem possibilitado o diálogo, aproximação, com outras áreas do saber e sua comunicação com a literatura que ocorre de forma bastante cooperante. É interessante apontar que não apenas as histórias veem buscando uma aproximação com a literatura, mas também os estudos literários estão dando visibilidade da historicidade em seus estudos, como ocorre nas epopeias que deu visibilidade à historicidade. Logo, é real na historiografia contemporânea um certo eco aos antigos. Isso foi influenciado pela contribuição dos historiadores adeptos aos *Annales*. Concluindo, nossa base ocidental não está ultrapassada, é real o movimento que o pensamento faz até os antigos. E é graças a esse pensamento que há autores que produzem material baseados nos primeiros historiadores e filósofos gregos.

Com base nisto, foi utilizado neste texto, como fonte bibliográfica recorreremos a autores e pensadores que nos possibilitaram um suporte teórico (dentro de certo limite e recorte). Nomes, como por exemplo, Hartog, Burrow e Anhezini que abordam questões de imensa valia para as pesquisas sobre a história da História. Além desses nomes, as contribuições de dissertações, teses e artigos de revista também foram de imensa relevância para a pesquisa histórica em geral, a confecção e andamento deste trabalho. Contudo, o destaque que Hartog faz dentro do contexto grego é necessário para a epistemologia da história, quando sua ênfase aponta para a inauguração grega, “Por figura do historiador designam-se os traços e os gestos inaugurais, as configurações epistemológicas, assim como os relatos que tornaram possível e sustentaram a primeira narrativa histórica” (HARTOG, 2003, p. 14). Os cenários, eventos e personagens, tudo foi necessário para que seu discurso histórico fosse tido como um memorial.

Nesse sentido, o desenvolvimento deste trabalho está dividido em três capítulos. Assim o primeiro trabalha na perspectiva de apresentar a aproximação entre epopeia e história, a contribuição do estilo épico para a ideia de história. Neste espaço abordaremos elementos que especificam as semelhanças entre os discursos e suas particularidades próprias. E assim complementando, no segundo capítulo trabalhamos com a passagem: da glória eterna (*kléos*) dos heróis aos monumentos humanos. Como a herança oriental teve influência nas sociedades gregas e como a história realmente começa a se distanciar da tradição e a se envolver com eventos humanos, neste aspecto aparecerá a relevância de Heródoto para a historiografia. E no último capítulo apresentamos uma leitura sobre a obra de Heródoto, sua permanência em relação a herança épica e a subjetividade do historiador.

Concluindo, como apontado, neste trabalho de conclusão de curso foram estudados os autores já mencionados, mas também a obra de Heródoto, *Histórias*, traduzida do grego por Pierre Henri Larcher. A obra é composta por nove livros em que o historiador de alguma forma faz referência a narrativa literária/poética batizando cada livro com nomes vinculados a divindades existentes nas epopeias homéricas. A narrativa mostra como as culturas se revelam. O estudo da obra nos possibilita observar que a história é uma representação de uma realidade humana e suas capacidades de se reinventar a partir de suas necessidades. Os costumes, nos faz observar como os valores culturais são importantes desde os antigos, como os eventos humanos se associam de acordo com o movimento do tempo.

## 1 A APROXIMAÇÃO ENTRE EPOPEIA E HISTÓRIA, AS CONTRIBUIÇÕES QUE OS POEMAS DE HOMERO TIVERAM NO NASCIMENTO DA HISTÓRIA.

Inspirado pela Musa, o aedo ‘via’ os dois campos. Conhecia e cantava as façanhas e os infortúnios de uns e outros, sabendo que ninguém escapava aos desígnios de Zeus. Da mesma maneira, o primeiro historiador, que era um homem exilado (sabe-se que Heródoto teve de deixar Halicarnasso), incumbiu-se da tarefa de repertoriar e contar os grandes feitos tanto dos bárbaros quanto dos gregos. Convertido, ele também, em exilado, Tucídides, o ateniense, ressalta, num segundo prefácio, que pôde “assistir aos negócios nos dois campos”. (HARTOG, 2003, p. 15).

Com base no fragmento apresentado houve dois modos distintos de narrações, epopeia e história. É fundamental esclarecer desde agora junto à afirmação de Hartog que a epopeia é um poema que conta os eventos dentro de uma perspectiva voltada para os feitos épicos.<sup>2</sup> É possível observar que nessas narrativas há destaque também para duas figuras muito importantes e insubstituíveis dentro dos discursos: o *aedo* e o historiador. De início o objetivo deste primeiro capítulo é apresentar pontos relevantes e específicos sobre a especificidade do *aedo* e a especificidade do historiador dentro de seus textos. Fazendo uma aproximação a partir de indícios relativos entre ambas as narrativas.

Junto a isso é executável uma aproximação mais nítida em termos de escrita da história indicando que, segundo Anhezini, (2009, p.14), “Nada mais interessante do que começarmos com um “antes”, “Antes da História: a epopeia”. A história não surgiu do nada. Para chegarmos a uma compreensão evidentemente mais nítida sobre o conceito de história é necessário entender que antes deste termo já havia outra maneira de produção narrativa, já apontada. Essa outra forma é a epopeia, especificada neste texto e direcionada aos poemas de Homero. Homero foi o poeta grego<sup>3</sup> que declamou dois poemas onde foram muito importantes e contribuintes na formação grega,<sup>4</sup> *Ilíada* e

<sup>2</sup> Um evento épico é um feito visto como grandioso, que contém nele elementos que possam ser considerados como singular dentro de tal época ou contexto. É um memorial a ser lembrado, por exemplo, uma guerra reconhecida como um evento épico contem atitudes ou ações vistas como heroicas e extraordinárias em seu percurso.

<sup>3</sup> O período Homérico foi aproximadamente entre 1.100 a 700 a. C. Suas duas obras são os únicos vestígios da civilização Micênica e de seus habitantes que com a invasão dória veio a desaparecer. Logo, em seguida, na próxima página, há indícios sobre a questão homérica, sobre a possível reflexão em relação a autoria dos feitos apresentados nos escritos homéricos.

<sup>4</sup> Estes dois poemas, foram os mais antigos poemas da Grécia Antiga. Na formação grega faz parte “[...] a criação de uma complexa sociedade de deuses e deusas e entes divinos [...] É nessa fase que se escrevem as duas grandes epopeias –, a *Ilíada* e a *Odisseia* –, e a poesia lírica, que nasce o teatro com suas tragédias e comédias.” BELATO, Dinarte. *Civilizações Clássicas II*. 2009, p. 22. Na formação grega também deve ser apresentado que essa formação é reconhecida por Dinarte Belato como a descendência de grupos ou povos diferentes como: os jônios que também são reconhecidos como aqueus, os eólios e os dórios. “Os

*Odisseia*, que direto ou indiretamente tiveram aproximação com os escritos históricos. Mas é relevante apontar também que este poeta é colocado em questionamento, em interrogação. O autor Carlos Alberto Nunes,<sup>5</sup> apresenta a questão Homérica na introdução da *Ilíada*, onde é possível firmar que este questionamento é acompanhado de suposições em relação aos registros e suas datações. Cujas *Ilíada* e *Odisseia* não são (não podem ser) concretamente os resultados de arranjos compostos por um só poeta ou autor,<sup>6</sup> pois é observado que houve compositores ativos neste arranjo.<sup>7</sup> Por existir possibilidades de se pensar em mais de uma autoria, a composição é colocada numa perspectiva de direitos autorais variada, pois “a verdade, contudo, é que ainda não sabemos nada sobre as origens dos poemas: não temos dados concretos sobre a sua data, autoria, local, e maneira de composição” (OLIVEIRA, 2013, p. 02). Sabemos que esses versos foram importantíssimos nas sociedades antigas, porém há inúmeros questionamentos referentes a esses escritos, que por sinal foram registrados já acompanhados de traços da cultura letrada e não puramente oral. É correto apontar que, apesar de não termos a datação exata da autoria dos versos homéricos, há também variedades no modo da fórmula de compor os poemas, e essas fórmulas foram o que despertou o questionamento sobre sua produção. Essa questão resultou-se na interrogação sobre a existência de Homero e sobre a possibilidade de novos autores por conta da incoerência encontrada nas obras.

Dentro dessa perspectiva há determinados ocorridos narrados nas epopeias de modo divergentes, onde o (os) autor(es) apresentam certa incoerência; nas aventuras de Ulisses, por exemplo, Nunes (2015, p. 12) afirma que, “em vários séculos de tradição épica, muitas deviam ter sido as variantes dessas aventuras”. Próximo a isto, há dúvidas em relação não somente à composição, mas também a própria existência do poeta

---

laços de identidade lhes advém de uma comum cultura religiosa, de uma língua que se impôs a todos com suas próprias variantes dialetais e, sobretudo, de um modo descentralizado de organização política, chamada pólis, cada uma delas completamente independente” (BELATO, 2009, p. 23).

<sup>5</sup> Carlos Alberto Nunes, foi um estudioso helenista e filólogo que Traduziu Homero, suas obras *Ilíada* e *Odisseia*, sua tradução é reconhecida como uma das mais reconhecidas traduções do grego para o português. Ele se responsabilizou em traduzir outras obras importantes para a academia, como por exemplo, os diálogos de Platão.

<sup>6</sup> “Nesta exposição vou seguir mais de perto a orientação de [...] Eduard Schwartz, que teve a ideia de designar por letras os autores dos poemas que podem ser isolados dentro da *Odisseia*. Desse modo, daremos o nome de “T” ao tradutor da *Telemáquia*, para designar pelas letras “O” e “K” os autores de duas narrações primitivas de aventuras de Odisseu, compiladas pelo redator a quem devemos a *Odisseia* tradicional, e que receberá o nome de “B” (NUNES, 2015 p. 15-16).

<sup>7</sup> “A *Odisseia* tradicional não é um produto espontâneo de um poeta de gênio, mas um arranjo de poemas diferentes”, (NUNES 2015, p.26). “O ‘homérico’ dessas questões, talvez se refira simplesmente a isso: temos Homero e temos suas traduções, mas não saberemos jamais como chegamos a elas – nunca teremos dados suficientes, e se os tivéssemos, eles seriam inúteis” (JÚNIOR, 2014, p. 98). Logo o espaço de tempo e as próprias obras são fontes que não podem nos promover esse alcance, apesar das evidências não sabemos quão imensa era a civilização grega.

Homero. Será se o *aedo* destacado foi apenas um nome dado para a valorização e organização das obras? Além dessa questão é fundamental observar que as composições foram de imensa valia para períodos posteriores ao período homérico independente de sua autoria. Mesmo havendo inquirido em relação ao poeta conhecido como maior formador e educador da Grécia Antiga e a fragmentação nas obras envolvida, torna-se necessário perceber que a poesia foi fundamental dentro da cultura não-letrada, do pensamento grego clássico, dentro de uma desenvolvida cultura oral. Partindo disso o “antes, Antes da história”, a produção poética é apresentada nas próximas páginas particularmente na figura do *aedo*, poeta, e a história na figura do historiador.

### 1.1 Especificidades: *aedo* e historiador

Tanto um como o outro se fizeram presentes na construção de um estilo próprio de gênero narrativo. O *aedo* sendo aquele que era o receptor das inspirações divinas cantava os feitos épicos dos heróis e deuses dentro de determinado acontecimento, especificando como exemplo o acontecimento da Guerra de Tróia.<sup>8</sup> As “filhas da memória (*mnemosýne*), as Musas inspiram o *aedo* Homero a cantar a guerra de Tróia com uma visão dos dois lados nela envolvidos, como se fosse Zeus” (HARTOG *apud* LIMA; CORDÃO, 2010, p. 227). Em concordância com o fragmento pode-se afirmar que a musa sabe tudo o que aconteceu em relação aos dois lados rivais que combatiam na guerra; com base nisto o *aedo* não é o autor do canto, pois é a musa quem o orienta através de sua transmissão, ele entra em um estado de interioridade, introspecção e assim é levado a ouvir a voz da musa que lhes revela determinado conhecimento, as façanhas dos deuses

---

<sup>8</sup> A guerra de troia foi cantada por Homero. “Os aqueus habitavam a Grécia peninsular e algumas ilhas na idade do bronze, nos últimos séculos do segundo milênio antes de Cristo. Povo invasor, tinham expulsado, reduzido à obediência ou assimilado as populações anteriores. De sua civilização fortemente influenciada pela Ilha de Creta, restam, de um lado, ruínas e achados arqueológicos e, de outro, um rico filão de lendas e tradições, onde se opulentou poesia épica e trágica do milênio seguinte. Eles destruíram, na Frígia, diante dos Dardanelos, a praça-forte de Tróia. Movimentou a guerra, segundo a lenda, o rapto de Helena, a mais bela mulher do mundo, esposa de Menelau, rei de Argos, por Páris, príncipe troiano. Os feitos dos guerreiros nessa campanha e os eventos e seu regresso à terra pátria constituíram o tema de um número considerável de epopeias, das quais o tempo somente nos conservou duas, atribuídas pela Antiguidade a um aedo chamado Homero, sobre quem nada sabe com certeza: a *Iliada*, que versa episódio da guerra, e a *Odisseia*, onde se narram as aventuras do mais astuto dos capitães daquela expedição, Odisseu, rei de Ítaca, após a destruição de Tróia, até chegar de volta a seu lar. Essas obras resultam aparentemente da fusão de poemas de autores desconhecidos, realizada, através do tempo, por uma corporação de *aedos* intitulados Homêridas, isto é, descendentes de Homero, que os transmitiam oralmente de geração a geração. A mais antiga edição escrita de que se tem notícia não foi certamente a primeira que se faz. Foi a determinada, no século VI a.C., por Pisístraro, tirano de Atenas, ou por seu filho e sucessor, Hiparco” (HOMERO *apud* ANHEZINI, 2009: 14-15). Esses dois poemas foram as únicas fontes que restaram no tempo sobre a civilização micênica, uma das maiores da história da Grécia.

e heróis. Hartog (2013, p. 61), sendo um historiador e estudioso sobre a historiografia grega afirma que “O *aedo* é um vidente”, que se deixa ser inspirado através de seu comprometimento com os ensinamentos que lhes é transmitido e posteriormente passa a revelação aos demais. Este processo de ouvir a voz da musa se encontra totalmente em harmonia com o *cosmos* no sentido de não se preocupar com a desconfiança em relação a inspiração divina. O mesmo, o poeta, não esteve presente na hora em que ocorreu determinado fato. Mas assumiu a responsabilidade de transmitir o passado aplausível e glorioso dos guerreiros heroicos que foram dignos de honra através da harmonia dos versos, da produção poética. Passado esse que se encontrou incluso na perspectiva do tempo eterno, divino, onde não havia o cuidado (preocupação) com o tempo em termos de progresso, movimento linear. A cultura grega oral, em especial no período homérico conseguia transmitir aos homens o exemplo de herói virtuoso intrínseco na sociedade onde a epopeia era valorizada.

Em conformidade com Havelock (1996, p. 13), “A composição oral, tal como era praticada pelos mestres gregos, por certo não deve ser pensada como matéria de improviso”.<sup>9</sup> Ou pelo menos não no sentido pejorativo do termo “improviso”, esta palavra pode ser acompanhada de um peso negativo, como por exemplo, a falta de zelo em relação a produção dos versos, mas podemos observar que o discurso poético é pensado juntamente com a mentalidade complexa da oralidade que era organizada de modo bastante cuidadosa entre os antigos. Pois o oral não deve ser analisado como uma maneira rústica de produção, pelo menos não para a cultura grega antiga, que foi praticamente (como estar em consenso) quem pensou os conceitos que regem o Ocidente nos dias atuais de nossa era. Com isso há indícios de que havia um planejamento para enquadrá-la (a poesia) ao ritmo do canto principalmente por parte do poeta. De acordo com a citação de Jaeger reproduzido por Lobato (2001, p. 27), “Homero é entre todos os poetas gregos, considerado o maior e, a crer nos testemunhos, a opinião corrente ao tempo indica-o também como o educador de toda Grécia [...], a tradição homérica e o ideal educativo que

---

<sup>9</sup> Diferente do discurso de Havelock, a professora de história antiga, Rosalind Thomas fala sobre o improviso na cultura oral e o poeta “[...]no decorrer de toda a apresentação, ele recorria inevitavelmente ao improviso, incapaz de voltar e mudar partes se tivesse uma boa ideia mais adiante na apresentação. Haveria portanto, inconsistência, umas poucas indicações de invenção e composição posteriores por sobre as camadas mais antigas. Isso explica algumas das já há muito notadas inconsistências em Homero: por exemplo, a famosa embaixada a Aquiles, na *Iliada*, começa com três (9.168 ss), em seguida parece haver dois, depois volta a três [...] isso pode admitir a tradição e o (s) poeta (s) mestres (s) afinal” (THOMAS, 2005, p. 46). Essa explicação pode abordada como uma interpretação diferente de Havelock, e a mesma nos apresenta uma causa do possível, o porquê de haver incoerência nas obras homéricas e sua improvisação.

nela se propõe são transmitidos oralmente.” É interessante colocar em ênfase que a frase “educador de toda a Grécia” é vinculado não necessariamente a pessoa de Homero (como vimos sua existência é uma interrogação real), mas este título de educador é direcionado principalmente e necessariamente a suas obras que atingiram diversos períodos. A *Ilíada* e *Odisseia* foram passadas por diversas gerações e neste “passar” tornou-se em um modelo de educação sobre os conhecimentos não apenas da guerra, mas de inúmeras interpretações contidas nos versos. Não há dúvida que o(os) poeta(as) foi a figura de maior formador, educador, da Grécia em sua época, mantendo então continuidade as virtudes e exemplos contidos nos heróis para serem observados como uma espécie de modelo em virtudes em períodos consecutivos. Enfatizando sua forma de educar que se ampliou por toda a Grécia. Não só Homero, mas posteriormente tantos outros poetas foram responsáveis por orientar dentro do “ideal educativo”.

Nesta perspectiva da cultura oral, os gregos aproximadamente no período homérico, tinham o hábito de recitar poemas, mas não era apenas um exercício apropriado à época e sim uma cultura complexa onde essa atividade foi ferramenta essencial na formação das pessoas, dos cidadãos. Como figura insubstituível nas narrativas literárias, o *aedo* é comparado à figura do historiador nas narrativas históricas, que também bebeu na fonte poética, que será apresentado mais à frente. Podemos observar que quando Hartog fala que “o *aedo* é um vidente”, fatalmente essa característica é direcionada a algo divino. Em que é possível conversar e concordar com Detienne (2013, p. VIII):

Na Grécia arcaica, três personagens, o adivinho, o *aedo* e o rei justiceiro, têm em comum o privilégio de dispensadores da Verdade pelo simples fato de terem qualidades que os distinguem. O poeta, o vidente e o rei compartilham de um mesmo tipo de discurso. Graças ao poder religioso da Memória, *Mnmosýne*.

É notório que essas características apresentadas por Detienne são produtos da Idade Arcaica, logo podemos perceber que as raízes e o envolvimento com a produção literária é bastante íntima na vida dos personagens apontados. O termo “dispensadores”, apresentado pelo autor pode ser compreendido de forma mais nítida e explorada se direcionado ao verbo ‘distribuir’. De acordo com o autor é possível afirmar que há certa especificidade entre os personagens. Entre os antigos houve a preocupação zelosa com a verdade, logo esse cuidado deve ser percebido dentro do contexto da época, como já apontada. Os antigos, caracterizados com a cultura oral, tinham uma concepção singular em relação à verdade, e essa ideia (de verdade) é a própria história de seu passado

vinculada à memória, ao discurso poético, transmitido inúmeras vezes por meio de metáforas.

Com isso os personagens citados por Detienne (2013), eram vistos como os “mestres da verdade”. Aqueles que tinham a aproximação com as coisas divinas de modo mais íntimo, tanto que são conhecidos como mestres, pois se encontravam em um estado de interiorização bastante elevado e por isso eram possibilitados do acesso a *Alétheia*. Através desta característica levavam a verdade, o conhecimento aos demais homens. Esses mestres (em especial os poetas) consultavam as musas para não correr o risco de não falar ou não produzir um discurso autêntico. Ambos, adivinho, *aedo* e rei, tinham a função de distribuir a verdade, dentro do discurso que só era possível através de um estado de introspecção por parte dos mesmos com o auxílio da memória; a partir de então se podia chegar de fato à verdade, *Alétheia*. A memória é sem dúvida uma característica essencial na narrativa em que os mestres da verdade tinham em comum, pois diretamente ela estava vinculada a tradição oral. E como sabemos, essa cultura existiu entre os antigos próxima da possibilidade de exercitar a memória, do ato de desenvolver essa atividade de recordação. Ainda segundo Detienne (2013, p. VIII), é correto afirmar que:

[...] o poeta e o vidente têm acesso direto ao além, enxergam o invisível, enunciam “o que foi, o que é, o que será”. Dotado desse saber inspirado, o poeta celebra com sua palavra cantada os feitos e ações humanas [...] De modo homólogo, o discurso do rei, [...] possui uma virtude oracular; [...].

Segundo as palavras referidas acima, esta relação entre o poeta, o vidente e o rei pode ser analisada e incluída na tradição verbal, onde a verdade foi transmitida dentro de uma esfera oracular, divina, inspirada. Em que podemos perceber o invisível tanto no passado, presente ou futuro. Dessa maneira há nessa transmissão a harmonia entre o homem e o universo, o *cosmos*. Onde os mesmos conviviam da perspectiva de um discurso poético. Esta forma de relação com o “além”,<sup>10</sup> com as divindades, é compreendido na visão de Detienne (2013) que o ato e a vontade de dizer a verdade são algo característicos dos mestres da verdade. E este comprometimento se encontrou ligado de certa forma com algo que completa o homem no próprio sentido da vida, isso é próprio dos gregos. A harmonia entre o conhecimento vindo de uma ordem divina e a recepção por parte dos homens era algo possível em tal sociedade. De modo aproximado do *aedo*

---

<sup>10</sup> Esse termo é apenas um modo de entendimento que é indicado para se pensar os antigos como quem olha para dentro de si mesmo. Esse comprometimento com a tradição não-letrada é inclinado para essa intimidade dos gregos e sua capacidade de contato com além do “ver” que as sociedades posteriores se voltaram.

e do vidente, o rei homologamente exercia o comprometimento com a *Alétheia*, porém seu vínculo é compreendido justamente com auxílio de oráculos.

Dessa forma, podemos perceber que a tradição não letrada estava de modo bastante íntimo ligada à memória, eventos e elementos dentro de uma esfera da “palavra”, o poder da fala, da oralidade que era tido como algo essencial na vida das pessoas. Principalmente quando a “palavra” era proclamada por alguém que tinha o acesso as coisas divinas por meio da inspiração, interpretação e oráculos. O antropólogo Jack Goody e o estudioso sobre a história da literatura Ian Watt na obra *As consequências do letramento* ao utilizar as palavras de Gandz informam que, “[...] para o povo como um todo, a instrução oral permaneceu como o único meio de aprendizado e a memória, o único meio de preservação. A escrita era praticada, ainda que por todos, somente como um suporte adicional para memória” (GANDZ *apud* GOODY; WATT, 2006, p.32).<sup>11</sup>

É necessário apontar que a transmutação da cultura oral para a cultura letrada foi marcada por determinadas características que causou certa distinção entre as sociedades e períodos divergentes; uma das características é a concepção sobre a verdade como mencionada por Detienne. A *Alétheia* entre os não-letrados era algo completamente voltado para o divino, para a poética. Mas, houve também uma certa relatividade em relação ao conhecimento, a relatividade do discurso sobre verdade entre os antigos.

Nesse sentido é interessante apontar também a contribuição de Simonides, caracterizado como poeta, “podemos flagrar o processo de desvalorização de *Alétheia*” (DETIENNE, 2013, p. 114). Simonides não só contribuiu para o laicização<sup>12</sup> da verdade como também colaborou para uma cultura voltada para a escrita. Ele foi o primeiro a colocar seu nome em um texto ou pintura em prol do reconhecimento, este ocorrido foi fundamental para novos aspectos e período letrado. A recitação passa a ser não mais pura,

---

<sup>11</sup> Um exemplo claro disso é o que fez Heródoto, que usou a ferramenta do registro letrado para fazer com que a memória continuasse viva. A escrita servia a oralidade, por exemplo, “[...] toda a escrita antiga em pedra, pretendia representar afirmações que deveriam ser enunciadas em voz alta, geralmente em verso: aqui, portanto, a escrita está a serviço da palavra falada, um meio de comunicar o que seria comumente cantado ou dito.” (THOMAS, 2005, p. 87).

<sup>12</sup>“Neste plano, percebe-se também o vínculo necessário entre a laicização da memória e o declínio de *Alétheia*. Separada de seu fundamento, a *Alétheia* é brutalmente desvalorizada; Simonides a rejeita como símbolo da antiga poética” (DETIENNE, 2013, p. 120). Este caractere da desvalorização pode ter levado ao início do modo como os sofistas se posicionavam, a questão da relatividade da verdade e o próprio ofício de vender o conhecimento independente se falso ou verdadeiro. A partir de então é possível afirmar que o *aedo* tinha plena convicção da veracidade de seu discurso, pois as musas eram seres dotados de verdade; a cultura oral tem essa beleza de confiar de fato no discurso de sua época, diferente de períodos posteriores em que os homens não têm certeza de mais nada, tudo passa a ser relativo; tudo porque não se vive mais voltado para essência humana e sim na relatividade do conhecimento.

mas sim acompanhada pela escrita, e isso possibilita pensarmos que a articulação e exercício do verso ganharam algo novo, e esse novo promoveu novas características ao conhecimento da época e posteriormente.

Consequentemente a recitação foi competindo espaço com a escrita, que entre os gregos foi aperfeiçoada. É interessante que até a forma adaptada do registro das palavras entre os gregos foi analisada a partir do som. De acordo com Havelock (1996, p. 81), e seu estudo sobre os gregos em sua obra *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais* afirma que “Os gregos não inventaram um alfabeto: eles inventaram a cultura letrada [...]”. Visto ao que já existia, antes dos gregos se apropriarem da atividade de escrita, monarquias orientais já exerciam esta atividade. Goody (2012, p. 13), afirma que com a transição da cultura “os mitos também são considerados como típicos de culturas orais e um gênero que, como muitos outros, é transformado pelo surgimento da escrita” E o mito é transformado à medida que a escrita é utilizada para registrar seus próprios feitos épicos, pois a partir do épico os feitos humanos ganharam espaço com o auxílio da escrita. Entretanto os traços culturais poéticos foram indispensáveis para que houvesse essa transposição.

Além disso, torna-se necessário apontar que só foi possível o surgimento desta nova cultura por causa da existência da oralidade, sendo que o letramento foi essencial assim como o não-letrado, pois ambos tiveram a função de manter a memória viva entre os Gregos e outras civilizações.

Consequentemente a escrita começou a ser uma característica presente na Grécia. A presença da escrita começou a se fazer presente na Grécia mesmo que tenha sido de forma selecionada para poucas pessoas. De acordo com a tese de Havelock os gregos não eram letrados, pois os mesmos não estavam de fato inclusos por completo dentro da cultura escrita, poucos conheciam a escrita. Ao olhar os períodos de Heródoto em diante é possível observar que a escrita entrou em processo de desenvolvimento e complexidade comparado ao aperfeiçoamento anterior analisado pelos próprios gregos. E com ela inicia um afastamento em relação ao ritmo, poesia; porém não estamos afirmando que houve um distanciamento radical entre oral e escrito, e sim de que a escrita contribuiu na construção de um novo contexto. Sendo que a prosa passa a ser cada vez mais desenvolvida nas sociedades letradas. Contudo, estes apontamentos influenciaram na passagem desta cultura do “ouvir” para o “ver”, da introversão para a extroversão.

Sintetizando, o canto foi indispensável no processo de ligação com a tradição oriental e, de fato, foi oportuno para a transição da cultura e com os elementos que se

perpetuaram ao ponto de se tornar parte referencial para outro gênero narrativo. Como afirma os autores, presentes neste texto, que apresentam as similaridades entre os feitos épicos, narração literária oral, e a história, narração dos feitos históricos.

E por haver uma aproximação entre o oral e o escrito, podemos dizer que os poetas e o primeiro historiador não viveram em contextos entendidos como distante um do outro. A antiguidade clássica pode sim ser interpretada como uma sociedade entre o oral e o escrito, ambas as características não são totalmente distanciadas uma da outra. Ou seja, as produções poéticas da epopeia não estavam de certa forma isoladas da escrita e história como gênero narrativo. Com essas exibições podemos anunciar que poesia e história não podem ser interpretadas como separadas e incompatíveis, ou pelo menos no século V a.C. Apesar da especificidade de cada discurso, o nascimento da história deve muito às epopeias, suas assimilações.

Assim, Momigliano, Anhezini e Hartog também dão indícios que a epopeia serviu de referência para as histórias posteriores. De acordo com Momigliano pode-se dizer que, antes do processo historiográfico grego dar seus passos iniciais, os vestígios épicos lhe serviram de apoio. Mas a epopeia pode ser considerada uma história? Baseada nas leituras de Hartog sim, mas de uma forma completamente específica e longe de uma abordagem historiográfica,<sup>13</sup> mas não podemos observar este estilo literário como algo arcaico, pois para o período homérico a epopeia era atual e fundamental para as sociedades. E certamente os poetas atuavam neste exercício, como podemos pronunciar o exemplo do *aedo* Demódoco que cantava as exemplares ações de audácia dos heróis homéricos, como por exemplo, os feitos de Ulisses. O *aedo*, não via os feitos narrados nas produções literárias como algo primitivo, pois de acordo com seu período, as narrativas estavam dentro de sua realidade; da cultura do mito, do tempo imóvel. Esta interrogação (sobre a epopeia ser considerada uma história) é relevante pois coloca o passado heroico em aproximação com o discurso histórico. Porém, necessita de cuidado para não confundir e fundir os discursos.

Neste sentido podemos observar que o relato literário foi produzido e reproduzido dentro da tradição. E por se tratar da atividade do *aedo* este discurso não era entendido como algo primitivo, pois em seu contexto isso era comum principalmente em

---

<sup>13</sup> Essa primeira narrativa pode ser entendida como primeiro relato voltado para narração literária, exemplo, a narração das aventuras de Ulisses, sendo que ele mesmo, Ulisses, o narrador e o ouvinte de suas próprias ações épicas. “Na cena que põe frente o *aedo* inspirado e o herói que escuta a narrativa de suas próprias ações, Hannah Arendt via o início, poeticamente falando pelo menos, da categoria de história. “O que fora puro acontecimento virava agora história” (HARTOG, 1999, p. 13-14).

execução do canto. Para os poetas os feitos épicos eram vistos como algo presente, em que a poesia fazia parte da vida dos gregos com o auxílio da memória.

Contudo, de certa forma a composição oral não deixa de ser uma narração literária próxima da história, da historicidade, pois a mesma canta grandes conflitos. Com base nisso há analogias singulares entre esses dois modos distintos; porém há também pontos peculiares em cada estilo de produção. Junto a isso Heródoto se distancia um pouco das musas no sentido de não recorrer a elas para legitimar seu discurso como fizeram os poetas, deste modo essas divindades não são vistas possuidoras do saber no discurso histórico. O *histor* se distancia porque ele próprio proporcionou os meios para chegar ao passado, por ser um sujeito autônomo para ir (literalmente recorre ao exílio para obter resultados) em busca do conhecimento, dos eventos dignos de memória. Portanto, podemos reconhecer que na obra herodotiana há sem dúvidas a presença de seres divinos, porém não semelhante como ocorre na poesia, há uma abordagem específica, mas através do método de investir nos relatos que o *histor* recorreu.

Hartog (2013, p. 57), nos apresenta duas características singulares relacionadas ao aedo e ao historiador: no aedo a “[...] cegueira dos próprios olhos; e relativamente ao historiador, o exílio”. O autor apresenta às duas figuras vinculadas de características específicas. Ao poeta é atribuído o adjetivo da cegueira, pois ao mesmo não foi dado a responsabilidade de relatar de forma apurada seus versos, logo a aceitação das orientações do mundo divinizado fez dele alguém que se deixava guiar principalmente através do ouvir. O ouvir é o meio pelo qual as epopeias passam a existir; pois somente pela audição o poeta se possibilita a cantar.

Dentro dessa perspectiva houve certo cuidado na elaboração dos versos. Visto que este discurso foi fundamentado e pensado dentro da cultura oral, em que contribuiu para que a figura do poeta pudesse ter mais possibilidade de repassar a seus posteriores tal conhecimento. Por isso usa-se muito o verbo “cantar”, pois ele canta de fato os feitos épicos. Por ter despertado o gosto pela poesia, por um estilo específico das culturas antigas, a produção vocal de acordo com Havelock (1996, p. 14), “presume-se que o tipo de composição oral no qual os gregos se comprazem, e pode-se dizer que aperfeiçoaram, deve ter tido uma história milenar, recuando ao fundo da experiência de todas as sociedades pré-letradas, mas civilizadas”. Podemos observar que há possibilidades de apontar que houve um aprimoramento e complexidade em relação as sociedades pré-letradas. Podemos dizer que seria um mergulho muito raso interpretar a cultura oral como algo simples e em curto espaço de tempo, foi necessário a mudança

tanto na formulação dos versos, como na adequação de cada geração. Como vimos, a oralidade ultrapassou gerações e em cada uma delas houve mudança e aperfeiçoamento.

A sociedade não-letrada e poesia oral podem ter existido muito tempo até mesmo anterior ao período homérico. E todo esse desenvolvimento da tradição possibilitou que o *aedo* pudesse cantar os acontecimentos épicos, de levar os homens a um passado longínquo que se fez perene na memória através da composição em verso. Já ao historiador, principalmente na figura de Heródoto em seu exílio promoveu a durabilidade da memória aos homens, por meio de seu método, por conta disso o mesmo começou a pensar as ações humanas dentro da realidade do próprio homem no tempo.

O *histor* (historiador) deu os primeiros passos nesta concepção na medida em que fez uso de seu *logos*, a história foi conquistando um espaço particular, estabelecendo algo inédito que pode ser considerado o início da *histórie* (história), a abertura de novas possibilidades. Como já apontado, o historiador usou o verbo “investigar” para suas elaborações. Dessa forma Eyler (2012, p. 18) afirma que, “Heródoto, apesar de operar com um *logos*, não ousa abandonar sua crença na existência de forças operantes na história e que estavam ligadas à intervenções dos deuses na existência humana.” Preocupado com esquecimento das ações humanas ele propôs registrar (literalmente) feitos que eleger dignos de não se perderem no passar dos tempos. Entretanto, sua abordagem se deu a partir do diálogo com pessoas que lhes revelaram o passado. De acordo com Anhezini (2009, p. 19), “Heródoto nasceu em Halicarnasso [...] e viveu por volta dos anos 480 e 420 antes de Cristo” no período Clássico. Por ter habitado:

Na colônia grega de Halicarnasso, no lado oriental do mar Egeu –pertencia, portanto, à porção do mundo grego transplantada na Ásia. Por ser uma disputada zona de fronteira entre a Grécia e o império persa, essa região viria a ter um papel significativo em sua história. (BURROW, 2013, p. 31).

Com o auxílio deste contexto de guerras, Heródoto deixou as gerações seguintes sua obra como uma das principais fontes antigas sobre as diferentes culturas e costumes entre os antigos. Por meio de sua subjetividade se pôs a averiguar os povos e registrar as histórias de gregos e bárbaros.<sup>14</sup> Podemos observar com Burrow que, por ter acesso a uma região que tinha contato com os dois continentes (este termo é atual, não existindo no período de Heródoto), as possibilidades de análise, de observação em relação aos conflitos entre os povos ocorreram de modo satisfatório. Não apenas foram ouvidos

---

<sup>14</sup> Ao se falar em bárbaros, é o mesmo que apontar vários povos que não eram ou não falavam grego. Logo os bárbaros não se restringem a uma só cultura ou povo e sim vários (as).

relatos de um só lado, mas dos dois. Como aponta Eyler (2012, p 13), “aqui podemos pensar na urgência de um pensamento que se desloca do “ouvir falar” para o “testemunho visual” como garantia de um conhecimento verdadeiro. *Histor* é assim, na origem, a testemunha ocular, que viu”. Mas isso não é uma afirmação de que o “ouvir falar” ou a “inspiração” seja entendido como não verdadeiros. Porém, esse deslocamento não retira de cena o “ouvir falar” e a oralidade, visto que o trabalho do historiador também se fundamenta através do relato de testemunhas vivas. Em uma região acessível, Heródoto teve oportunidade de contato direto e indiretamente com as testemunhas que viveram ou ouviram, sobre os eventos, para fundamentar seus registros.

É interessante observarmos que o contato com as *Histórias* revela que os confrontos humanos são acompanhados de decisões guiadas muitas vezes por intervenções divinas. E podemos observar a fidelidade do pai da história com o que ele ouviu sobre as gerações anteriores a ele. De acordo com a fonte resultada das investigações do pai da história é possível perceber de fato que suas intenções eram em manter os grandes feitos humanos eternizados. E esses eventos foram colocados em uma nova forma de narrativa que é direcionada aos escritos em prosa. Mas dentro desta perspectiva, Heródoto de Halicarnasso abriu um caminho para se pensar a historiografia grega em seus primeiros movimentos; com a contribuição posteriormente de Tucídides, historiador ateniense, nesse movimento a história começou a ser pensada de maneira racional.

Com base no registro Herodotiano, Anhezini (2009, p. 20), afirma “O prefácio de suas *Histórias* representa, segundo Hartog, a certidão de nascimento da própria história”. Fatalmente é evidente afirmar que o nascimento da história ganhou grande ênfase com o comprometimento por parte do o ofício do historiador, de propor uma concepção através de métodos alcançáveis na realidade humana. Por meio da pesquisa e seleção dos fatos. Em conformidade com interpretação há evidências, e isso é destacado logo no início das *Histórias*, que a história (história como gênero) parte de uma cena voltada para a epopeia. Nasce em um contexto da epopeia quando o primeiro livro (a obra de Heródoto é composta de nove livros) deixa explícito a partir do rapto de Helena, esposa de Menelau, é raptada pelo príncipe Páris

Este feito foi o que “causou” a grande guerra cantada por Homero e posteriormente pelos demais *aedos* ao longo das gerações. E o conhecimento histórico deu ênfase para que este evento, da guerra de Troia, fosse visto como grandioso e também como relevante que sustentasse basicamente toda a sua narrativa sobre a desarmonia entre

os povos grego e persas. Portanto, dentro desta atividade e zelo em relação ao passado e a desconfiança da memória fez com que a autoridade dos discursos se deslocasse para um novo campo de entendimento, o campo do método, da averiguação realizada, o campo da historiografia antiga.

## 1.2 Epopeia e história: aproximação entre os feitos épicos e os feitos históricos

Como já apresentado, a epopeia é um poema complexo que abrange os feitos épicos e incomuns cantados em estilo poético, que são as ações dos guerreiros que mostraram bravura e virtude no conflito. Pode ser entendida também como um poema histórico, pois apesar de estar fora da cronologia, do tempo, reproduz em canto os eventos extraordinários, épicos, que possibilitam o conhecimento cultural dos povos, seu passado. Conforme isso, os feitos fabulosos contidos nas epopeias têm o poder de influenciar as gerações através de diversas características existentes em si, principalmente quando os temas das epopeias agradam os ouvintes do público que o *aedo* se dirige.

É relevante apontar que as epopeias não devem ser entendidas apenas como um estilo literário, mas também com o comprometimento com a verdade. Por exemplo, na figura de Ulisses e seu retorno, podemos perceber que quando Demódoco (*aedo*) canta “[...] os feácios se divertem, Ulisses, de seu lado, não pode conter as lágrimas: chora com a menção da querela, chora com a narrativa do cavalo de Tróia [...]”. (HARTOG, 2003, p. 19). Com base no fragmento, está explícito que o público é contido e se diverte, nesse ocorrido há a existência do deleite no que está sendo cantado. Porém o herói mencionado pelo *aedo* não ouve o canto com o mesmo prazer que os demais. É possível observar que Ulisses ouviu o que ele mesmo viveu e que por ter passado um tempo ausente (ou tido como morto) foi reconhecido como um dos grandes heróis e não mais apenas como um dos melhores guerreiros gregos. Eis que ele esteve presente no feito, mesmo as filhas da memória inspirando Demódoco, Ulisses reviveu por meio da rememoração as façanhas vividas outrora. É interessante analisar que mesmo sendo uma epopeia, uma narrativa completamente produzida na perspectiva atemporal, há possibilidades de pretérito. Ulisses é aquele que viveu a epopeia e posteriormente ouvira a mesma, logo há algo inédito existente, a musa necessariamente até pode lembrar o herói, mas este caso é específico, pois ele mesmo esteve presente no evento outrora. Contudo apenas o *aedo* tinha acesso aos poemas homéricos por intervenção de quem sabe tudo (a musa), entretanto este saber (o conhecimento do passado eterno) também passa a ser visto como

alcançável por meio de um humano, Ulisses. Partindo desta interpretação de que houve este ocorrido, o herói se reencontra com seu trajeto.

Certo de que o passado ocorreu em uma perspectiva do encanto, sendo que a mitologia não deve ser explorada como uma concepção mentirosa ou surreal, mas sim como uma forma de conhecer as origens tanto do universo como as próprias ações humanas, como o homem se relaciona e se conhece no mundo. Ou seja, uma interpretação de visão de mundo. As palavras de Finley (1989, p. 06), afirmam que “Nesse contexto, não é de surpreender que na antiguidade a história tenha sido discutida, julgada e avaliada com base na poesia. Fundamentalmente, tratava-se de uma comparação entre duas formas de narração do passado”. Um dos pontos importante é a própria disponibilidade em deixar as demais gerações dos homens algo perene. E essa preocupação, de perder no esquecimento os acontecimentos, foi primeiramente apresentada por (e de uma) uma maneira onde deuses e homens conviviam em harmonia.<sup>15</sup> Que por ser épico é algo grandioso, heroico digno de epopeia, digno de ser perpetuado não apenas na memória, mas como próprio ensinamento em termos de virtudes.

Junto a isso podemos partir com efeito para um tempo em que, de fato, o pretérito começou a ser pensado na questão de concluído, pretérito. Para Heródoto o passado era voltado para o que aconteceu, para as histórias anteriores à sua época.

A história é a narração escrita das ações humanas que se encontram constantemente em mudança. John Burrow nos mostra alguns pontos relevantes dos feitos humanos registrados pelo pai da história que já se presenciava nas epopeias. Por existir posteriormente nos discursos em prosa as referências homéricas, Homero foi reconhecido não só por Burrow, mas também por Hartog e Momigliano, como o autor das obras que influenciaram o mundo grego dentro de seu processo de formação, a própria identidade grega. “O mito era o grande mestre dos gregos em todas as questões do espírito. Com ele, aprendiam moralidade e conduta; as virtudes da nobreza [...]; e ainda sobre raça, cultura e até mesmo política”. (FINLEY, 1989, p. 06).

Contudo, podemos dizer que Heródoto de fato observou e selecionou dentre algumas características já existentes na epopeia e que o mesmo deu ênfase em seu

---

<sup>15</sup> “[...] o homem deste mundo grego é como que elevado ao divino, ou senão o deus se encontra tão próximo dele que o homem sente o fazer divino como seu, e vice-versa.” (OTTO, 2006.p.76). Deuses e homens tinham uma relação direta, as forças divinas participam de forma atuante na vida dos homens; diferente do cristianismo que há um distanciamento entre os homens e o deus cristão. Há no cristianismo uma barreira necessária Deus está no céu e o homem na terra, o único contato, indireto, é por meio da oração, ou por manifestações ocasionais, como os milagres.

discurso, como por exemplo dois elementos em particular: os acontecimentos e a autoridade do discurso.

Os acontecimentos tratados aqui são dirigidos para os termos “conflito” ou “guerra”, que estiveram presentes em ambos os gêneros narrativos enfatizados neste texto. Como é conhecida, a guerra de Tróia foi um grande combate que teve influência em todo o mundo grego. A partir desta hostilidade houve diversos elementos que a história também apresentou, como na epopeia. Assim os conflitos moveram os dois discursos.

Deste a antiguidade os confrontos e guerras fizeram parte do convívio humano. E assim como o *aedo* (nos tempos homéricos e posteriormente) o *histor* desde o período clássico observava na guerra a possibilidade de reprodução. Eyler (2012, p. 10), em seu texto afirma que “Quando Heródoto começou a escrever a *História*, na segunda metade do século V a. C. iniciou-a com a preocupação com as *Guerras Médicas* dos anos 490 e 480/78, que colocaram face a face gregos e bárbaros”.

Desse modo Heródoto conseguiu observar que as *Guerras Médicas* eram acontecimentos extraordinários, monumentais. E partiu para uma busca das causas dos conflitos, assim como Homero que apresentou a justificação, o porquê da guerra de Tróia, Heródoto teve essa preocupação de chegar ao ponto inicial de suas investigações, o que deu início ao atrito entre gregos e persas. Salta aos olhos como esses fatos foram utilizados nos registros com o zelo da interrogação. Para isso o *histor* viajou por diversos lugares para obter suas respostas, contudo para ele cada região é especificada por povos singulares e costumes que diferem. Logo a diversidade entre os povos também foi algo visível nas *Histórias*. Houve o contato com culturas distintas e assim pôde observar os dois lados do confronto, como fez Homero.

É percebido que está incluso em sua narrativa analogias à guerra cantada pelo poeta. É inevitável perceber como a figura do historiador selecionou elementos fundamentais dos poemas desde muito cedo, e soube aprofundar para dar coerência e segurança em seu discurso. Com base nisto é possível afirmar que a epopeia foi à base de inspiração histórica, no sentido de ser referenciada.

Diante de tal vinculação com a epopeia podemos sustentar juntamente com a leitura da obra herodotiana, que se encontra enfatizada no último capítulo deste trabalho, que as passagens apresentam como a história dos homens se entrelaçam com os sonhos e as divindades (existentes na epopeia). A partir do livro *Clio* podemos perceber que os movimentos humanos tiveram grandes contribuições a partir de acontecimentos e

elementos voltados para concepção divina, sobrenatural. Neste contexto há destaque na fonte histórica (a própria obra de Heródoto) para o conflito, que se encontra presente desde o primeiro ao último livro. De fato, a guerra foi o objeto de estudos do pai da história.

### 1.2.1 A autoridade nos discursos

Este termo “autoridade” é basicamente a voz ou palavra de quem fala no discurso. Como já mencionado foi identificado que ela sempre existiu, seja nos textos das epopeias ou históricos. E como observado a mesma se encontra no campo da história desde as primeiras pesquisas do *histor*, por exemplo, foi justamente em Heródoto que:

Aparece o historiador como figura ‘subjéctiva’. Sem estar diretamente ligado a um poder político, sem estar por este comissionado, Heródoto desde a abertura, desde as primeiras palavras, marca, recorta, reivindica a narrativa que começa pela inscrição de um nome próprio: o seu, no genitivo (“Heródoto de Halircanasso, *eis a histórie*”), [...] Heródoto, por sua vez, era o autor de seu *lógos*, e era *lógos* que, [...] vinha estabelecer sua autoridade. (HARTOG, 2003, p. 13-14).

De acordo com o autor podemos apontar que o *histor* colocou a autoridade nos seus escritos, como a musa sendo aquela que tudo sabe na epopeia, Heródoto teve a autonomia de seleção de fatos e por conta dessa subjetividade ele pôde ser atribuído de autoridade para falar o que viu e ouviu. Ou seja, houve uma transição, pois, a autoridade de outrora que estava na musa começa a se fazer presente também no discurso histórico. No mundo épico a autoridade não é pensada fora da divinização. O próprio *aedo* era alguém que estava à disposição das musas. Logo, essa característica da voz de quem fala, na poética se torna perene, mas com o deslocamento da musa para o historiador. Fatalmente com essa transferência (da autoridade) os discursos tomaram interpretações diferentes e com isso surgiu novas formas de ver o mundo e os homens.

Podemos realçar que a autoria se deslocou do mundo dos deuses para o mundo dos homens graças a pesquisa, ao método. As fontes do *histor*, “ver” e “ouvi”, foram testemunhos registrados em primeira pessoa porque ele teve contato com as fontes, com as testemunhas orais. Heródoto se dedicou a oralidade, aos relatos de quem viu ou ouviu e teve a oportunidade de ver com os próprios olhos as inscrições que serviram como fonte histórica.

Os primeiros historiadores <sup>16</sup>foram os cânones historiográficos dotados de autoridade, onde usaram do *lógos* e da razão para validar de forma verídica seus textos. Este acesso ao *lógos* se tornou possível principalmente por conta da abertura que estava sendo inaugurada, do campo histórico. E o estado de exílio foi sem dúvida uma característica que contribuiu muito.

O estado de solidão, da retirada, por parte de Heródoto foi o que proporcionou realizar de forma racional suas investigações. No exílio o historiador teve a chance única de presenciar, “ouvir” e “ver” aproximações e contatos com seu objeto de estudo. Nesta perspectiva de como o historiador vai caminhado na conquista de seu espaço houve outro ponto essencial para se pensar uma singularidade histórica, a prosa. A prosa é a forma singular de relato no qual sua afinidade não se declina a poesia. A partir de então, a história vai conquistando seu lugar dentre as formas e perspectivas de se pensar o homem no tempo e no mundo.

---

<sup>16</sup> Os primeiros historiadores foram também conhecidos como “os pais da história”, especificamente Heródoto e Tucídides. Tucídides não é nossa ênfase neste trabalho, porém sua colaboração para historiografia antiga e atual foi e é indispensável.

## 2 A PASSAGEM: DA GLÓRIA ETERNA (KLÉOS) DOS HERÓIS AOS MONUMENTOS HUMANOS

Como o canto do aedo, a prosa do primeiro historiador preocupa-se com o *kléos*. Um celebrava os altos feitos e os ditos famosos dos heróis de outrora; o outro pretende-se aos traços da atividade dos homens[...] Quando se passa da epopeia para a história, o campo alarga-se em muitas direções. Não se celebra mais a lembrança das simples façanhas –busca-se guardar a memória do que fizeram os homens, soletrar e fazer lembrar os traços e as marcas da ação não mais somente de tal herói singular, mas dos gregos e dos bárbaros, isto é, de todos os homens. (HARTOG, 2014, p. 18-19).

O termo *kléos* que o autor apresenta é direcionado para o sentido de glória e memória de algo grandioso. Quando eram vivos, os virtuosos homens homéricos foram titulados como guerreiros ousados e de qualidades ilustres, notáveis. Essa característica épica foi importante para as comunidades gregas dentro de suas culturas. Por ser pertencente ao gênero literário, a epopeia oferece a seus ouvintes, personagens mitológicos que de certa forma exaltavam a relevância da própria tradição, o passado da comunidade e que olhavam para a vida terrena desses grandes homens corajosos de maneira esplendida, grandiosa. Há um exemplo de comportamento e ser exaltado, o dos guerreiros que zelavam pelo bem da cidade, juntamente com a ajuda divina, que era um ponto indispensável em relação aos estudos das mais antigas obras literárias conhecidas no Ocidente, as obras homéricas.

E incluso nessas obras podemos destacar a herança cultural, em que aponta que a honra e virtude dos heróis puderam servir de ensinamento na formação dos homens (das gerações seguintes), como modelo de conduta. Junto a isso houve um espaço de tempo em que o percurso ou passagem de um gênero para outro (do literário para o histórico) envolveu não só a possibilidade de aberturas em relação aos registros de acordo com os feitos dos homens, mas o próprio nascimento da historiografia, a escrita da história, construção de um passado. Porém, não queremos falar que os antigos não tiveram história,<sup>17</sup> pois a própria epopeia é o relato de um passado, que por sinal foi observado como épico, singular. Mas esse passado necessariamente não deve ser visto como algo que ficou em um tempo distante, pois, a rememoração (memória) fez dele algo atual (para os gregos) no sentido que estava sempre em contato com as pessoas, ou seja, por meio da

---

<sup>17</sup> Necessariamente não no sentido historiográfico. Mas é interessante olhar para essa perspectiva da epopeia apenas como um passado e não entrar neste problema historiográfico, que não era uma realidade das sociedades homéricas.

prática do canto os homens podiam reviver as emoções e também praticar as virtudes dos heróis.

De acordo com a citação acima é possível observar que é enfatizado pelo autor a preocupação com o *kléos*, que estava presente dentro da epopeia e da história,<sup>18</sup> porém de modos distintos, junto das duas figuras, *aedo* e *histor*, destacadas no primeiro capítulo deste trabalho. Essa passagem gloriosa, do exemplo heroico, passa por um processo atravessando gerações em que vai se afastando ou perdendo espaço para um conhecimento proposto primeiramente por Heródoto, como alguém que fala dentro do discurso, e posteriormente com os demais historiadores que encontram nos feitos humanos, monumentos que foram dignos de permanecer lembrados assim como as ações dos heróis de outrora. Com base nisso é relevante apontar que este capítulo mostra a continuidade e o distanciamento<sup>19</sup> em relação ao *kléos*; dentro da perspectiva dos heróis épicos e da ação humana dentro de um concepção de progresso.

Com isso fica explícito as palavras de Hartog ao mencionar “o campo alarga-se em muitas direções”. Além de continuar havendo uma interpretação por meio da poesia surge a possibilidade de observar com os olhos direcionados para uma concepção não apenas onde o divino se destaque, mas também o movimento das atividades humanas através do tempo. E neste movimento foi onde o *histor* viu o *kléos* na *historie*. Que havia na produção poética, mas de forma singular.

É relevante apresentarmos que a glória presente nos heróis homéricos se perpetuou após o óbito dos mesmos.<sup>20</sup> Em concordância com as palavras de Pacheco (2009, p. 10), “[...] a glória do herói está relacionada com a sua morte”. Essa característica é de fato o que faz do guerreiro alguém que foi capaz de mostrar sua bravura e coragem enquanto estava vivo, conquistando inúmeras vitórias, pois, os “[...] heróis [...] sabem que são destinados à morte”. (VIDAL-NAQUET, 2002, p. 42). Conforme esta particularidade, podemos dizer também que os deuses estavam de alguma forma

---

<sup>18</sup> Na poesia a memória da coragem heroica e na história a memória dos grandes acontecimentos humanos. Mas não estamos partindo da perspectiva de que os heróis gregos não são humanos, esse não é o objetivo a ser discutido neste texto. A preocupação que está sendo exposta é que os feitos desses heróis estão inclusos em uma esfera do eterno.

<sup>19</sup> Continuidade no sentido de olhar para as *Histórias* de Heródoto e destacar nelas as maravilhas dos povos e traços divinos, apresentando os fatos. E o distanciamento apontado é o próprio afastamento que ocorre em relação a tradição oriental, mas de modo ainda próximo. Não é um paradoxo, mas apenas um início de distância que ainda continua com um pé próximo a epopeia.

<sup>20</sup> “Alguns aqueus morrem, outros sabem que estão destinados à morte. É o caso de Aquiles, que teve de escolher entre uma vida longa e obscura e uma vida breve e heroica.” (VIDAL-NAQUET, 2002, p. 47).

conectados com esse destino e posteriormente com a memória homérica.<sup>21</sup> Segundo Pacheco (2009, p. 10):

A honra é um dos componentes específicos do código do herói que torna a vida heroica significativa; o outro componente específico é a glória. A honra é o mais importante componente enquanto o herói está vivo, a glória é o mais importante depois que o herói está morto, e, estes dois componentes reunidos movem a sociedade homérica.

Porém, não queremos resumir que a condução da sociedade homérica seja interpretada apenas nestes dois elementos importantíssimos, a honra e a glória. Há sim relevância dessas singularidades para a sociedade, principalmente por que os ensinamentos das virtudes são transmitidos por meio da oralidade, cantada pelo poeta. Com isso pode-se ousadamente dizer que houve certa continuidade em relação à vida (no sentido de sua memória) do guerreiro após sua morte; e em sua vida terrena os mesmos tinham consciência que se perdessem a vida por uma causa de honra e coragem seriam lembrados<sup>22</sup> e interpretados de forma triunfante perante as gerações. De fato, a morte heroica se transformou em exemplo para os gregos. Essa breve apresentação da mortalidade dos heróis homéricos pode ser interpretada também como um ponto de partida para se pensar o ofício do historiador. Com base nisso podemos apontar que a essência do historiador nasceu na Grécia no século V a.C.

A história também se ocupou de deixar um legado, legado esse tido como uma memória, em que os homens passaram a ser os agentes de seus atos.<sup>23</sup> Dessa forma

---

<sup>21</sup> Em relação a este contato dos homens tomemos como exemplo a morte de Heitor, príncipe e guerreiro troiano em que o deus Apolo estava do seu lado; “É incompreensível que até hoje a única coisa que se sabe dizer sobre a forma como Atena trata Heitor é que é imoral e indigna de uma deusa. Que teria sucedido se ela não tivesse enganado, como fez, o herói cuja morte era inevitável? Apolo, que até então lhe dera novas forças para fugir a seu prepotente perseguidor, desapareceu no momento em que o destino se pronunciou; deste modo, o fugitivo seria rapidamente alcançado por Aquiles e morreria sem glória. O logro de Atena salvou sua honra de herói. “Afora, diz ele ao dar-se conta do engano, [...] não sucumbirei sem luta nem glória, sem uma façanha a ser cantada pelas gerações futuras! ” [...] ele não guarda rancor contra a deusa, mesmo sabendo imediatamente que ela o enganou. ” (OTTO, 2006, p. 77-78). A deusa enganou Heitor por ter se passado por um companheiro (Atena tomou para si a imagem de um humano) para junto de Heitor enfrentar a fúria de Aquiles, em seguida na hora em que o Aquiles aparece o companheiro sumiu e Heitor morre como um guerreiro que não fugiu, mas sim como herói que enfrentou seu oponente. Por isso ele não guarda rancor.

<sup>22</sup> “As tragédias e odes corais apresentadas anualmente nas grandes festividades religiosas faziam ressurgir os heróis míticos, e estes, recuando pelas gerações de homens até chegarem aos deuses, recriavam a trama contínua da vida para o público, pois os heróis do passado, e mesmo muitos heróis do presente, tinham ascendência divina. Tudo isso era sério e verdadeiro, literalmente verdadeiro” (FINLEY, 1989 p. 06).

<sup>23</sup> Os homens tidos como guerreiros também eram vistos como agente de suas ações, mas neste contexto o universo divinizado era totalmente presente e os deuses estava à disposição para intervir sempre que preciso, como ocorreu com a morte de Heitor e retorno de Ulisses à sua casa, como por exemplo, quando Ulisses retornou a sua casa e correndo o risco de ser reconhecido por meio de sua cicatriz a deusa Atena entrevistou rapidamente, “Quando Euricléia reconheceu a cicatriz ficou tão atarantada que deixou cair a perna do herói; esta bateu na bacia, que soltou um som forte lhe escapou das mãos, entornando a água. Foi um

o distanciamento da tradição épica foi um ponto singular que pode ser caracterizado particularmente em duas características: o ofício do historiador e o maravilhoso ou *kléos* das *Histórias*.

## 2.1 O ofício do historiador e a presença do maravilhoso (*tháuma*) nos registros herodotianos

Assim como as ações dos heróis foram espelho ideal para os gregos,<sup>24</sup> dentro de sua especificidade, os registros dos primeiros historiadores beneficiaram e contribuíram para os homens se situarem no tempo e no espaço dentro dos processos da utilização do *lógos*, e esses registros conquistaram um lugar importante nas comunidades gregas. Conforme isso, Hartog afirma que (2003, p. 114), “os gregos foram mais os inventores do historiador que da história”,<sup>25</sup> o autor deixa nítido que os gregos foram mais significativos na construção da figura e no ofício do historiador. Foram eles que deram início neste trajeto de ideia de história acompanhada da subjetividade.

Esta característica se iniciou na Idade Clássica como já apresentado. E com o aperfeiçoamento desta figura as singularidades do discurso histórico foram sendo construídas. É correto afirmar que principalmente na pessoa do Heródoto<sup>26</sup> a atividade do

---

rebuliço. No entanto, Penélope não percebeu coisa alguma, porque Atena lhe desviou a atenção. Como veem, é provocada por sua imperícia, chama em socorro a deusa, como há de fazer muitas vezes no desenrolar da história;” (NUNES, 2015, p. 24).

<sup>24</sup> Ao falar ‘os gregos’ não apenas dos cidadãos atenienses ou espartanos que é direcionado esta característica, “O homem moderno, ao falar da antiga Grécia, deve livrar-se de algumas conotações anacrônicas; o perigo é muito grande de pensar-se em categorias análogas às que usamos hoje em dia, por exemplo, em relação à França ou à Inglaterra. Ora, a Grécia clássica, ou melhor, o mundo helênico, não correspondia à Grécia no sentido atual da palavra; a Grécia existia por toda a parte onde havia gregos, e havia gregos quase por toda a parte no mundo mediterrâneo: na Grécia propriamente dita, no Arquipélago, na Itália do Sul, na Cirenaica, na Ásia Menor, no Bósforo, na Criméia, etc. A Grécia propriamente dita constituía, em vários períodos históricos, uma parte relativamente pouco importante do mundo helênico. A “Grécia”, no sentido de “mundo helênico”, não era, portanto uma expressão geográfica, mas um complexo nacional, ou antes, cultural. Nos tempos de Heródoto, esse mundo helênico não constituía uma unidade política, mas estava dividido em inúmeras cidades-estados (pólis), cada uma das quais tinha o seu regime próprio e as suas características particulares. Um eram democráticas (por exemplo, Atenas), outras aristocráticas (por exemplo, Esparta), outras ainda eram governadas por “tiranos” (por exemplo, Siracusa); umas eram progressistas (em geral, os jônios), outras conservadoras (em geral, os dórios); umas viviam da agricultura, outras do comércio e da indústria (por exemplo, Atenas e Corinto); umas pertenciam à categoria de “metrópoles”, outras ao número de “colônias”, etc.” (BESSELAAR, 1962, p. 08- 09).

<sup>25</sup> O sentido desta citação será explorado em dois momentos, primeiro em relação à figura do historiador, que está sendo pontuado por agora, e posteriormente em outro será explorada em relação à existência da história ou sua escrita entre as monarquias da Antiguidade Oriental.

<sup>26</sup> Os registros de Heródoto são enfatizados neste texto por conta de ele ser titulado como o pai da história e baseado nisto sua figura foi indispensável dentro deste fazer historiográfico que o ocidente tanto se orgulha. É possível fazer uma ênfase também para esclarecer que “[...] Heródoto não foi o primeiro a escrever histórias. Hecateu de Mileto redigiu sua piriegese “volta ao mundo” (mediterrâneo) –do qual só resta fragmentos –em que relata características e costumes dos homens, completando e refazendo o mapa gravado por Anaximandro. ” (MORAIS, 2004. p.16). Neste processo de formação ou construção do ofício

historiador foi se iniciando e modelando-se conforme suas investigações e métodos. De acordo com Momigliano, (2004, p. 60), “[...] Heródoto assumiu a responsabilidade de registrar os acontecimentos e as tradições que não tinham ainda sido registradas pela escrita”. Dentro dessa perspectiva há um elemento singular que está presente dentro da literatura grega, basicamente nos escritos do pai da história, que é a presença do maravilhoso, da grandiosidade, nos escritos. Como sabemos, os conflitos entre os gregos e povos conhecidos como bárbaros foi algo relevante para despertar no historiador o questionamento sobre as causas e outros elementos que estavam presentes no evento. Contudo nesse despertar não podemos olhar o *histor* como alguém que surgiu do nada e com uma interpretação completamente distintas dos gregos e bárbaros presentes em seu contexto; é indispensável termos em mente que Heródoto é visto como alguém subjetivo, e essa característica fala muito de sua cultura, que por sinal era bastante íntima e mantinha traços com os gregos e orientais. Ou seja, dentro de seu modo de interpretação, foi nesta atividade de busca que o *histor* contribuiu para se pensar as maravilhas dos povos. Morais (2004, p, 51), esclarece que esta ligação entre os povos foi fundamental para que o historiador começasse a perceber a alteridade dos homens a partir de seus hábitos, a autora esclarece que:

O conflito com os persas, nas Guerras Médicas, foi um fator importante no sentido de iniciar esta curiosidade: o exército persa estava repleto dos mais diferentes povos, sendo muito deles tão desconhecidos que o encontro entre estas culturas se torna praticamente impossível. Heródoto não cessa de maravilhar-se com tão estranhos costumes e, [...] não perde o senso crítico a acreditar em tudo que lhe dizem, [...].

Esta curiosidade e preocupação com o passado, impedindo o esquecido do memorial dos povos, foi relevante para dar início e continuidade no fazer historiográfico desde os antigos. “[...] Heródoto, muito provavelmente, só conhecia o grego [...] conversava ou com gregos, ou com pessoas que falam grego, ou então informa-se por intermédio de intérpretes [...]. ” (HARTOG, 2014, p. 269). Foi necessário intérpretes, tradutores, que conhecessem as demais línguas faladas por cada povo, sendo que essas pessoas foram quem proporcionaram que Heródoto, de fato, pudesse ter acesso ao conhecimento de numerosas culturas. Ele ficou dependendo de narradores, tradutores,

---

passaram vários historiadores e cada um contribuiu de alguma forma neste processo. Historiadores como “Hecateu de Mileto, Heródoto de Helicarnasso, Helânico de Lesbos, Políbio, Tucídides, Dionísio de Helicarnasso, Catão, Tito Lívio, Cícero e Fabio Píctor [...] e suas obras, na Antiguidade Clássica, empreende uma análise do surgimento do ofício de historiador - com seus dilemas sobre a coleta e interpretação das fontes, a veracidade e precisão de seu discurso, sua tensão entre a prova e a retórica e sua função social e política na sociedade -, e suas relações com a Cidade-Estado”. (ROIZ, 2008, p. 246).

para lhe contar os costumes dos povos. Esses intérpretes foram fundamentais para que o pai da história pudesse concluir sua atividade, pois sem essa intervenção seria impensável já que Heródoto não tinha domínio sobre as línguas (idioma) dos diversos povos investigados, que teve como resultado as *Histórias*.<sup>27</sup> Eis a relevância da ligação entre culturas diferentes, pois sem o conflito, essa aproximação poderia talvez não existir em tal proporção como resultou-se.

Em sua obra *O espelho de Heródoto Ensaio sobre a representação do outro* Hartog faz uma abordagem sobre os métodos utilizados pelo historiador e a interpretação grega em relação aos outros povos. É correto afirmar que mesmo através da pesquisa e investigação a interpretação do outro é uma forma de olhar para esse outro; ainda mais quando depende de fontes secundárias como o ouvido. Segundo Hartog (2014, p. 299), “Como apontado o ouvir e o ver foram essenciais para o historiador, logo com análise nestas duas fontes é interessante observar que o ouvir pode ser pontuado como uma fonte menos segura que o ver”. Essa segurança em menor proporção é justamente por depender de pessoas que possivelmente podem mudar algo em seu relato, Heródoto se utiliza dessas testemunhas para conhecer o passado distante e próximo. Podemos indicar que o “ver” é uma das fontes mais seguras, pois, é nítido que o *histor* conseguiu um resultado mais próximo do verdadeiro usando essa fonte direta. Como por exemplo, algumas inscrições que despertaram a aproximação do conhecimento.

Junto a isso é correto afirmar que a investigação por parte do historiador foi um marco singular para entrada no mundo dos homens, o homem passou a ser o principal protagonista no andamento dos acontecimentos. “Assim se organiza o espaço. O interessante, porém, é que esse espaço, que se apresenta como o *espaço* na realidade é um espaço do saber grego.” (HARTOG, 2014, p. 374). Saber esse produzido por homens.

Com essa concepção do conhecimento se inclinando para uma concepção fundada no *lógos*, podemos observar que este saber (histórico) não se restringiu a apenas a um meio, Morais (2004, p. 165), apresenta que:

O vocábulo *histor* não está ligado somente à visão. Ele possui outros significados que implicam não somente “aquele que viu”, mas alguém que, por sua autoridade, pode exercer um julgamento sobre o que aconteceu. O método

<sup>27</sup> “As Histórias não contêm lição de escrita, e Heródoto é um homem entre o oral e o escrito. Mas ele também pretende “conservar”, pondo as Histórias por escrito. Tudo se passa como se, em seu prólogo, ele “acreditasse” rivalizar com a epopeia, quando, na realidade, faz outra coisa, embora não tenha palavras para dizê-lo. Ele pretende-se rapsodo, mas é um rapsodo em prosa. Fundamentalmente, seu projeto é outro e, escrevendo as Histórias, produz ele um novo memorial, muito diferente da memória épica”. (HARTOG, 2014, p. 31). “A descrição, por exemplo, consiste bem em fazer ver e em fazer saber; mas, do ponto de vista da transcrição da alteridade, [...]” (HARTOG, 2014, p. 290).

herodotiano não se restringe, portanto à visão e ao ouvido, mas inclui também julgar o que se ouve, o que lhe dizem seus informantes ou as fontes que consulta.

Necessariamente a atividade do fazer historiográfico desde seu início não se refere apenas a visão, pois, o próprio Heródoto não esteve presente quando ocorreu as Guerras Médicas. Esse “julgar” foi um dos pontos essenciais que fez com que o historiador de fato pudesse começar a se desprender do discurso épico, do *aedo*, e fatalmente esta característica contribuiu para que ele se tornasse um mestre da produção em prosa. Este gênero prosaico, sem necessariamente a presença da melodia dos versos, reforçou o trabalho historiográfico junto das características já apontadas, como as investigações, fontes e o senso crítico de avaliar os testemunhos para descrever os eventos que possibilitou a descrição dos povos visitados e junto a eles estavam presente os costumes e especificidade de cada região. Os *nomoi* são os costumes dos povos. Ao se deparar com o “outro” o historiador viu as maravilhas e com isso se admirou de forma esplendida com o diferente, isso faz da primeira obra histórica algo maravilhoso e até tida como fantasiada por alguns autores. E nas palavras de Heródoto não fica dúvidas em relação à existência do grandioso em suas investigações. Assim como Morais, Hartog também enfatiza quão foi a admiração dele com a grandeza egípcia, não apenas em relação a suas construções, mas também sobre seus exóticos costumes, que por sinal são bastante dignos de curiosidade, “[...] vou alongar-me em minhas observações a respeito do Egito, pois em parte alguma há tantas maravilhas [...] como lá, em todas as terras restantes não há tantas obras de inexprimível grandeza para serem vistas; por isso falei mais sobre ele.” (HERÓDOTO *apud* MORAIS, 2004, p. 62). Em concordância com esse fragmento, fatalmente há a percepção de regiões e lugares distintos<sup>28</sup> dentro de especificidades na pesquisa herodotiana, lugares como, por exemplo, o Egito, Índia, Pérsia, Etiópia, etc.

---

<sup>28</sup> Nas *Histórias* há dois povos bastante atrativos no sentido de serem estudados atualmente no meio acadêmico, que são os citas e as mulheres conhecidas como amazonas. Não querendo dar preferência às amazonas em relação aos jovens citas, mas explorando seus curiosos costumes é interessante esclarecer que “Quando os citas percebem que as amazonas são mulheres, decidem ter filhos com elas. Entretanto, pode-se perguntar se, no fim da história, não foram as amazonas que asseguraram sua própria descendência. Em Estrabão, por exemplo, esclarece-se que as amazonas, uma sociedade sem homens, não cuidam senão de sua descendência feminina, não se encarregando da educação dos machos: o jogo do esquema de inversão conduz logicamente a isso. Heródoto não diz que as amazonas ou suas descendentes se interessem apenas por suas filhas[...]”, (HARTOG, 2014, p. 252). As amazonas eram mulheres que nasceram e viveram desde crianças dentro de uma criação voltada para a guerra. Logo dentro desse contexto Hartog apresenta que pode-se dizer que essas mulheres eram dotadas de comportamentos masculinizados e que eram nômades.

## 2.2 O distanciamento e herança em relação à tradição oriental

Segundo Hartog em sua obra *Evidência da história: o que os historiadores veem*, a história enquanto registro surgiu no oriente, com as monarquias, especificamente na Mesopotâmia “[...] no final do terceiro milênio com a monarquia de Akkad, ” (GLASSNER *apud* HARTOG, 2013, p. 45). Por possuir fonte históricas (em escrito) a monarquia serviu de recurso aos estudos sobre o oriente<sup>29</sup> “Os acadêmicos das dinastias semíticas de Isin, Larsa Babilônia não se cansaram de copiar documentos históricos do velho e glorioso império de Akkad” (CARREIRA, 1982, p. 340), suas grandes empreitadas, construções materiais e status (apesar de este termo “status” não ter existido em tal contexto, mas a ideia de reconhecimento por meio da posição social era presente). Os soberanos tinham essa necessidade de recorrer a alguém que gravasse suas conquistas políticas. Logo essas histórias eram pagas financeiramente para serem escritas; nessas condições os escribas se submetiam a registrar o que os soberanos desejavam que se perpetuassem dentro de seu governo até as gerações futuras; seus grandes feitos e suas inúmeras narrativas de grandiosidade. É correto afirmar que só era registrado o que o rei permitia que se tornasse memória, a palavra do soberano podia ser interpretada como a verdade a ser reconhecida na história.<sup>30</sup>

Junto a isso fica nítido que a figura do escriba era totalmente desprovida de autonomia, porque estava sendo pago apenas em função (a serviço) de um superior, o rei. Eyler (2012, p. 14), apresenta que “como Heródoto é considerado o primeiro historiador, é necessário saber aquilo que ele inaugura como diferença como relação ao modo tradicional [...]”, esse termo ‘inaugurar’ é de fato o que afasta o conhecimento que está se iniciando entre os gregos a ideia de história já existente entre os orientais. A figura de alguém comprometido de fato, sem interesse financeiro, com o passado não foi herdada e nem havia existido em outra cultura; nem mesmo entre os orientais que proporcionaram

---

<sup>29</sup> Hartog cita Goody “Na opinião de Goody, as listas de reis do Oriente próximo são, ao mesmo tempo, uma condição prévia e um começo da história. Registrando por escrito o nome dos soberanos, assim como a duração de seus reinados com aditamento, às vezes, de algumas anotações, a lista de reis é já uma espécie de primeira história, cuja cronologia é organizada com base na lei de sucessão. Mas ela é também um material que, tendo sido acumulado e conservado, contribuiu, com outros acervos, para a formação de arquivos”. (HARTOG, 2013, p. 51-52).

<sup>30</sup> Há a possível ideia de fazer uma analogia com a história Rankeana, que narra as histórias basicamente direcionado para os grandes homens que tiveram alto posto em determinada narrativa. Os reis orientais eram aqueles a quem tinham o poder de selecionar o que iria ou não permanecer como história.

influências na formação cultural grega.<sup>31</sup> O *histor* estabeleceu de fato uma invenção dentro da atividade de produção histórica. Como apontado, o escriba querendo ou não era um funcionário da monarquia e essa característica lhes tirava a liberdade de escolha em seu ofício; o historiador se constituiu dentro da perspectiva de que seu ofício estava dentro de um espaço mais amplo em que a autonomia para suas escolhas eram características essenciais para a excursão de seu trabalho.

Concluindo, podemos dizer que o historiador não exerce sua função original sem o ato de selecionar e escolher. De eleger eventos, pois ele é, de fato, aquele que viu e ouviu pistas sobre determinado feito. Diferentemente dos *aedos* e escribas.

Em vista disso, é viável afirmar que essa singularidade em relação ao surgimento do gênero histórico foi possível através das relações existentes entre a epopeia e história.

Junto a isso, após o surgimento do *histor* e baseado na afirmação de que a escrita já existia antes dos gregos, que o Oriente exercia essa prática, houve uma transição e ao mesmo tempo transposição do mundo divino que a Grécia foi recebendo de culturas, enfatizando as orientais. E tal herança teve um lugar/espaço relevante que chegou até nós através de Homero. Os deuses que as epopeias nos apresentam podem ter sido herdados, mesmo que seja atribuído nomes diferentes.

Por muito tempo, os estudiosos da Grécia consideraram que as primeiras civilizações gregas nada deviam ao Oriente. Hoje, esta afirmação é muito questionada, pois muitíssimo da cultura grega veio das civilizações orientais. As escritas de lá vieram, assim como divindades e costumes[...] (FUNARI *apud* FERNANDES, 2013, p. 37).

Desse modo, possivelmente os costumes orientais entraram em contato com a cultura grega, mas também houve entre os gregos sua construção cultural que começou a pensar no homem. Onde foi iniciada a teoria da história<sup>32</sup> que permaneceu no Ocidente. Está em consenso que Heródoto foi o precursor deste campo do saber.

<sup>31</sup> É entendido por muitos estudiosos que o mundo grego e seus ilustres conceitos não surgiram do nada, sem a contribuição de nenhum outro povo. “Não obstante ser largamente aceito na atualidade que a filosofia começou entre os gregos, as circunstâncias desse surgimento não são simples de explicitar. Apesar de haver consenso sobre o local e a data de origem da filosofia grega –as colônias gregas da Jônia, na Ásia Menor, no final do século VII e início do século VI a.C. –, esse foi um processo complexo, que tem sido objeto de muita discussão. Temos, por um lado, aqueles que sustentam a origem oriental da filosofia; do outro lado, temos a tese do “milagre grego”, que defende a total originalidade dos gregos.” (FERNANDES, 2013, p. 61).

<sup>32</sup> “[...] a Historiografia, tal como a própria etimologia da palavra significa, são os escritos (grafia) da história. Assim, ao mencionarmos a História de uma Civilização falamos de seu passado e ao falarmos dos escritos acerca da História desta Civilização estaremos falando de sua Historiografia”. (ARAÚJO, 2015, p. 229).

Mas não podemos dizer que o pai da história foi alguém indiferente à tradição oriental, mesmo começando a investigar ele ainda assim estava ligado aos rituais míticos herdados pela tradição. É interessante como a pessoa do historiador era sensível ao mundo imóvel dos deuses e dos homens simultaneamente, ele fez uma ponte, pois, estava entre os dois mundos (duas concepções), de um lado o mundo cíclico e de outro o mundo do progresso, completamente comprometido com a investigação. Ou seja, a narrativa histórica desde seus momentos iniciais se destacou por se aproximar de um evento ou período particular,<sup>33</sup> onde puderam observar com mais detalhes o seu objeto de investigação. “[...] a história não se diferencia da poesia apenas por narrar o que aconteceu, [...] mas também por constituir um exercício de investigação do passado por meio de indícios que o evocam” (LIMA; CORDÃO, 2010, p. 289). Por meio de buscar possíveis pistas que possam alcançar o passado, exercer seu senso crítico; esses detalhes riquíssimos da historiografia grega foram também contribuintes por construir o território histórico.

Pois, Heródoto além de ainda manter relações com as musas, por meio dos relatos, não estava envolvido a conhecer as histórias do pretérito baseado no comprometido com o poder político como os escribas.

Dessa forma, relacionado ao poder político, é possível afirmar que a cultura oriental estava, de fato, associada com um tempo em que a sucessão dos reis era uma das poucas formas de se situar no tempo. Segundo Carreira (1982, p. 339), “O rei e sua relação com os deuses ocupam uma posição central nesta historiografia: [...] nas reformas sociais, nas empresas militares, no destino dos reinos”. Foi justamente por haver essa presença do divino vinculado aos reis, de forma relevante, que os registros das histórias orientais eram desprovidos de autoridade por parte de quem a escrevia. Ou seja, eis a distinção entre as especificidades dos responsáveis pelos registros nas duas civilizações, oriente e ocidente. Como diz Anhezini (2009, p. 21), “[...] os feitos dos deuses escapavam às possibilidades de o historiador investigar [...]”.

Em função dessa “possibilidade” que Heródoto foi tão relevante e reconhecido para os estudos historiográficos durante o desenvolver dos séculos.

---

<sup>33</sup> Eventos em períodos particulares como As Guerras Médicas, de Heródoto, e a História da Guerra do Peloponeso, de Tucídides. Podemos perceber que os historiadores sempre se limitaram a um determinado espaço para a execução de seu ofício.

### 2.3 Heródoto e sua relevância para a escrita da história

Algumas informações explícitas sobre Heródoto já foram mencionadas neste texto, mas quem de fato foi nosso autor? “[...] há várias maneiras de se aproximar da figura de Heródoto: Heródoto foi grande artista, [...]ótimo narrador, viajante infatigável e etnólogo notável para a sua época: cada um desses aspectos poderia fornecer material abundante [...]” (BESSELAAR, 1962, p. 03). Foi um grande artista porque realmente foi alguém dotado de uma sofisticação singular em sua forma de narrar, sem dúvida a leitura de seu texto revela como ele era conhecedor da realidade de seu tempo que o fez ser reconhecido como sábio e excelente escritor. Junto a esse adjetivo é viável apontar seu cuidado com as questões da *pólis*, em particular com Atenas. Em acréscimo há alguns indícios sobre a vida de Heródoto, como por exemplo, há relatos de que Heródoto teve um tio, chamado Paniasis, que possivelmente foi um poeta, talvez essa seja uma das grandes influências na formação de nosso autor.<sup>34</sup>

Sem dúvidas seu profundo conhecimento sobre as culturas o destacou. Heródoto apresentou uma ideia original diante do cenário de sua época. Ideia essa vista muitas vezes como um desvio de narrativa, o desvio herodoteano. De acordo com os estudos de Tiago Guterres podemos observar que em sua dissertação os autores antigos estão divididos em dois grupos específicos: os inspirados e os não inspirados. Os inspirados eram conduzidos pelas musas e os não inspirados eram os autores que recorreram por méritos próprios para sua produção. Porém, nos ocuparemos neste momento com um autor específico (não inspirado) ou melhor dizendo com Heródoto. Sobre sua historiografia é viável dizer de acordo com as palavras de Guterres (2012, p. 19) que:

Apesar de haver uma distância enorme entre os gregos e “nós – não apenas temporal, mas também quanto às formas dessas duas sociedades compreenderem o mundo –, tanto um homem grego contemporâneo de Heródoto quanto um leitor “moderno” das *Histórias* teve/tem acesso, dentre outros números assuntos, ao grande conflito entre gregos e persas.

Apesar de Heródoto ao logo do tempo ter recebido os adjetivos de mentiroso, fabulista e tantos outros caracteres no sentido pejorativo, sua imagem de primeiro

---

<sup>34</sup> “A influência de um membro dentro de sua *genós* dependia muito do posto dentro da mesma, o tio de Heródoto era muito bem conceituado e embora não tenhamos documentação escrita que comprove com certeza temos um fragmento que se supõem ser do tio de Heródoto no qual se leria segundo Larcher: “Sim! Eu fui responsável por educar esse garoto!” [...]Assumindo que a anotação aonde Paniasis, diz ser responsável por educar Heródoto tenha alguma credibilidade, pode-se então supor que, além de rapsodo o tio de Heródoto era alguém que entendia as leis, que sabia preparar um cidadão, também tem-se o fato dele ter sido um adversário político assumido do tirano de Helicarnasso, conseguimos entender o motivo da expulsão da *genós* de Heródoto”. (KLEIN, 2013, p. 04-05)

historiador não foi destruída, a historiografia apresentada por ele se perenizou até os dias atuais apesar das interpretações diversas. Quanto aos leitores atuais do pai da história, podemos perceber que assim como os homens de seu tempo tiveram conhecimento sobre o passado, os leitores posteriores também foram e são contemplados de tal saber por meio do contato com sua obra; porém, cada um de sua maneira e contexto. Não há aqui a intenção de dizer que os homens de outrora e os atuais estão na mesma esfera de mentalidade. Cada sociedade e época produz homens específicos. É indispensável observarmos que o autor clássico partiu dos relatos de sua época para servir o futuro. Pois, como sabemos a historiografia é uma narrativa que serve para criar um passado que seja reconhecido no presente ou futuro. Para criar uma tradição.

Após sua morte o historiador continua sendo consultado. Mesmo que sua obra tenha sido desenvolvida e criada com a preocupação de ser lida e apresentada em público, ela também foi lida de maneira mais silenciosa no sentido da leitura individual. A prática da leitura em silêncio que conhecemos, sem o auxílio da voz, em prosa não foi necessariamente uma característica em que as *Histórias* foi produzida. Porém, necessariamente este elemento não permitiu que após a morte do autor (e após a cultura de ler em praça pública) seu nome fosse vítima do esquecimento no tempo.

O autor permaneceu vivo nas bibliotecas, a história produzida em prosa ultrapassou os séculos. Em relação a questão do tempo observemos que Heródoto se refere, em diversas vezes, e se coloca como fora de seu tempo. Como se realmente estivesse escrevendo para os homens do futuro. Assim a ideia de posterioridade/imortalidade parece se fazer presente como uma de suas intenções. O historiador parece falar diretamente a um recorte cronológico diferente do seu, por exemplo, podemos observar como ele se coloca no tempo, observemos a citação de Heródoto segundo Guterres (2017, p. 151): “No meu tempo, existiam (*éti kai es emè ésan*) ainda cinco pilastras no cimo do túmulo e nelas estavam gravadas inscrições a indicar as partes que cada um havia construído (*Histórias*, I. 93)”. O termo ‘no meu tempo’ nos permite acesso a três possíveis interpretações em relação ao autor: 1) como se ele não estivesse presente quando registrou tal passagem, pois, faz seu tempo parecer estar no pretérito;<sup>35</sup> 2) possivelmente já ter concluído suas investigações para apresentar esta afirmação<sup>36</sup> (sem necessariamente enfatizar numa questão cronológica); 3) se refere de fato ao leitor futuro, que o leria após sua morte, sua posteridade.

---

<sup>35</sup> Mas para que isso fosse tido como real seria necessário que ele estivesse em estado de onipresença.

<sup>36</sup> Porém, em um termo não muito distante desse ‘passado’.

## 2.4 A perenidade do autor vinculada à sua autoria

A pesar de o nome do autor das *Histórias* permanecer vivo, há estudos que não enfatizam sua devida visibilidade em sua área, a teoria da história. É interessante abordar que a escrita da história, historiográfica, só foi possível com os antigos. Entretanto, muitos cientistas históricos não reconhecem a conquista grega, a historiografia, com a devida atenção necessária. Em concordância com a afirmação de Santos (2015, p. 7), é correto mencionar que, “Quando os currícula, ementas e bibliografias sugeridos sobre a temática da história da historiografia são analisados alguns poucos nomes de autores antigos aparecem. Geralmente, há breves referências a Heródoto, Tucídides e Políbio [...]”. Esta característica pode ser possível por conta do século XIX e sua influência em relação a área da teoria da história ter abordado uma visibilidade enfatizada do historiador Leopold Von Ranke e suas abordagens. Não que isso seja irrelevante, mas é necessário olhar para, de fato, onde o pensamento historiográfico se originou, que foi entre os historiadores da Antiguidade Clássica. Santos, em seu artigo *A Escrita da História na antiguidade*, esclarece que as vezes esta falta de destaque para os historiadores gregos pode ser associada as influências que o século XIX apresentou sobre como a historiografia de seu tempo interpretou os “pais da história”. Pois, há elementos nos historiadores clássicos que foram eleitos como dignos de referência para a história documental dita positivista. Os historiadores oitocentistas recorreram a leituras e releituras sobre os antigos na intenção de construir sua tradição histórica. Podemos analisar esse verbo “recorrer” como apenas interesse da época? Independente da resposta não nos deteremos sobre isso. Entretanto, nosso realce em relação a escrita da história se volta a nosso autor destacado, Heródoto de Halicarnasso.

A perpetuidade do autor foi e é possível principalmente porque ele foi e é lido entre as gerações. Apesar de seus escritos passarem por inúmeras críticas (positivas e negativas) seu nome continuou vivo juntamente com seu trabalho, assim: “[...] Heródoto se tornou figura indispensável tanto para os homens de seu tempo quanto para a posteridade: seja para criticá-lo, seja para recorrer-se ao autor como fonte, seu nome, constituiu uma presença constante” (GUTERRES, 2012, p. 20-21). E o nome do autor é acompanhado da autoridade de quem escreveu ou produziu determinada obra. A postura do autor, de observação e indagar, o levou a gerar concepções além da sua. Ao olhar para os povos narrados, a interpretação do autor é gerada, porém, será mesmo que a intenção

de Heródoto era realmente a que seus leitores interpretam? Qual será a distância entre as reais intenções herodotianas e quais seus leitores aceitam como verdadeiras? Eis algumas questões a serem pensadas, pois vemos que cada leitor retira o que lhe convém das *Histórias*.

A posteridade de Heródoto nos possibilita reconhecê-lo como alguém que escreveu para o futuro. Sua missão foi realizada com êxito. Sua fonte é referenciada em diversos estudos sobre a antiguidade grega e oriental. Em sua obra há especificidades que nenhum outro autor destacou sobre o Egito Antigo e seus conhecimentos diversos; as conquistas de Creso, Cambises e Ciro. A perenidade das *Histórias* e de seu autor é realmente a resposta de que a escrita da história é um marco para os diversos estilos de discursos. Assim como Homero foi o nome dado ao autor das obras literárias apontadas em outro momento neste texto, podemos olhar para Heródoto como o autor responsável por relatar informações preciosas que talvez nunca tivesse chegado a nossos dias se não fosse sua organização e recolhimento de dados. Certo que seu nome é entendido como quem, de fato, agiu empiricamente para que seu produto existisse. Seu nome não é (ou não pode ser) visto como uma interrogação e apenas como uma forma de organização das *Histórias*.

Com isso, é possível dizer com confiança que a escrita da história desde a antiguidade ocorre vinculada a um sujeito envolvido com a prática concreta da escrita. Pois, a autoria associada ao documento, fonte escrita, já era presente no nosso autor, apesar de o sentido (ou conceito) de autoria não ser o mesmo de nossa era, pois, estamos referindo-nos a uma época peculiar.

Junto a isso é possível pronunciar que a forma como a fonte, ou o autor de Halicarnasso, fez aparecer os personagens e o costume dos povos é sem dúvida um ponto relevante para que seus leitores o apontem como aquele quem fala. Segundo Guterres (2017, p. 46):

Heródoto foi uma referência, aparentemente, desde seus primeiros leitores. [...] Poderíamos dizer, em um primeiro momento, que ele tem o mérito de “gerar debates”, ou então, empregando uma noção foucaultiana – embora o filósofo a empregasse fazendo referência aos autores modernos –, ele foi um legítimo “produtor de discursividade”. Por quê? Talvez sua maior força resida no seguinte paradoxo: sobre Heródoto, elogio e crítica parecem andar juntos. De mentiroso a “pai da história”, a própria Antiguidade parece ter balizado o caminho do que viria a ser destacado a respeito desse autor por séculos.

De fato, o “mérito de gerar debates” é um fator percebido na narrativa, suas contribuições frutificaram-se em uma variedade de teses. Logo, as críticas de seus leitores

movimentaram sua permanência autoral. Por exemplo, há uma variedade de estudos e discursos que citam Heródoto. Historiadores, geólogos, antropólogos que se respaldam nos registros do autor para produzir seus discursos de acordo com as óticas relevantes para cada área de conhecimento.

A economia do discurso vem ganhando cada vez mais espaço e como sabemos que os antigos são fontes inesgotáveis, há sempre a oportunidade de construir e reconstruir os discursos baseados nos mesmos. Ao enfatizar na preocupação com a memória, alteridade e regiões geográficas específicas, Heródoto estava se enquadrando como um dos maiores autores da História lidos na história ocidental. A pesar dos elogios e das críticas, não podemos deixar sua originalidade passar despercebida. Junto a isso podemos dizer que:

Heródoto não apenas descreve a guerras entre helenos e persas, sua narrativa espelha seu interesse pelos costumes dos povos, pela sua geografia, pelas suas práticas religiosas, por tudo que compõe e forma um povo. Em razão disso, o autor de *Histórias* exibe um trabalho que vai além do de um historiador que registra os acontecimentos, que busca as causas dos fatos, que reflete sobre as ações dos agentes históricos. O seu ofício atinge o campo da antropologia, visto que atua como um etnógrafo ao descrever rituais de enterramento, casamento, cultos religiosos, e ainda desempenha a função de etnólogo ao centrar-se na análise comparativa dos povos, buscando em suas origens as explicações para suas diferenças culturais e históricas. (SILVA, 2015, p. 45).

Sua habilidade de passear por campos tão delimitados (delimitados contemporaneamente) possibilitou que seu ofício de historiador conversasse com a antropologia por exemplo. Os contatos diretos com os povos/culturas deram à sua pesquisa validade única, que por sinal esta atividade é atual. Os estudos etnográficos experimentam exatamente isso: ir ao encontro do outro e observar de perto seus modos e costumes. A geomorfologia, os estudos sobre as formas visíveis da terra também está presente nas *Histórias* juntamente com e para auxiliar de certa forma a descrição cultural e natural dos lugares visitados. Concluindo, podemos afirmar que o registro herodotiano é rico se tratando de pesquisa e informação, além de sua obra ser provida de uma riqueza em termos de gêneros narrativos. Seus escritos são reconhecidos para além dos limites históricos em termos de área de conhecimento.

Somando a isso também é possível apontar que a existência do julgamento dos relatos e o surgimento de novos discursos foram contribuintes para a imortalidade das *Histórias*. Quando se trata de relatos, de imediato pode ocorrer algumas perguntas como “qual seu grau de autenticidade? Quem garante se é verdadeiro? Onde está a prova? ”, porém, nossa intenção não é afirmar o que é verdadeiro e falso. Na obra em destaque há

muitos julgamentos/ interpretações, esses pontos de vista podem ser entendidos como o diálogo entre autor e leitor. A economia do discurso com base na fonte do historiador começou a existir há tempos, desde Cícero ou antes dele, que o tituló como o pai da história. O rico movimento dos discursos sobre a realidade dos antigos, apresentada nas *Histórias* nos possibilita um grande acervo de artigos, revistas científicas, teses e obras que conversam com a escrita da história antiga.

Discursos como o de Tucídides, que via Heródoto como um contador de histórias, um *logógrafo*, foi um dos primeiros que colocou o historiador de Halicarnasso em interrogação. E foi ótimo o posicionamento do ateniense, pois, o movimento em torno da historiografia ganhou espaço. Talvez o resultado das investigações do pai da história não teria ganhado tanta voz e adeptos se fosse facilmente aceito e aplaudido por todos os seus leitores. Contudo, não poderíamos ter certeza sobre isso, pois, o próprio *histor* expôs seu julgamento quando pronunciou haver mais de uma explicação para determinado assunto ou causa. Com base nisso podemos dizer que a figura do historiador se tornou indispensável para seus sucessores.

A importância da realização de Heródoto foi logo reconhecida. Ele impressionou seus contemporâneos Sófocles e Aristófanes. Ele teria ganhado um belo presente dos atenienses por seus escritos favoráveis a Atenas, como nos diz uma fonte aparentemente confiável, Diillo (fr. 3 Jacoby). [...] Ele foi resumido por Teopompo e comentado por Aristarco[...] Mesmo aqueles que mais o admiravam, como Dionísio de Halicarnasso e Luciano, elogiavam o seu estilo mais do que a sua confiabilidade. Tucídides expressou seu desdém pela leviandade de seu predecessor e a opinião geral nos séculos posteriores não foi muito diversa. (MOMIGLIANO, 2004, p. 66-67).

Heródoto já não compartilhava da mesma esfera de verdade que os autores inspirados apresentados do período arcaico. Detienne nos apresenta os discursos dos mestres da verdade como absoluto, verdadeiro. Todavia, a narrativa histórica já se encontra em um contexto diferente, o conhecimento passado passaria a ser reconhecido por meio do relatos e investigação. A relatividade é um elemento forte nos relatos, a pesar de este termo não ter existido no tempo do autor, mesmo não tendo conhecimento da palavra ‘relatividade’ Heródoto se debruçou sobre o sentido dela. Temos várias narrativas sobre determinado ocorrido. Logo o autor em suas explicações falou que havia relatos que ele não julgava verdadeiro e mesmo assim registrava, ou seja, seus leitores certamente foram levados ao julgamento de tal atitude em relação ao escritor. Com esta característica o autor deixa um enorme espaço para questionamentos posteriores.

Com isso Podemos indicar que o leitor existe porque primeiro existiu um escritor. Com essa característica é interessante observar uma ordem da natureza a partir

do seguinte exemplo: para que o filho possa nascer é óbvio que seu pai tenha existido primeiro. Assim podemos ver no autor uma possibilidade de existência dele próprio e de sua obra e de seu leitor. O nascimento de ambos. Mas quem, de fato, dá voz a quem? O autor a sua obra? Sua obra ao autor? Segundo Guterres (2017, p. 30), “o autor é aquele que faz uma obra, ao mesmo tempo em que uma obra é a realização de um autor.” Sendo assim, ao se dedicar a tal produção, o autor está se colocando como alguém reconhecido por meio de sua assinatura. Necessariamente estes questionamentos serviram para reconhecermos a autoria. Pois, a assinatura é um elemento essencial, tanto que a cultura oral homérica apesar de não ter conhecimento do autor de seus escritos nomeou o aedo Homero, um nome. Como nos diz Guterres o tempo é ultrapassado e vencido através da escrita, e isso é característico de um autor. A escrita possui essa habilidade de permanecer apesar da morte de seu responsável. Como por exemplo:

A Grécia, todos sabem, é o berço dos autores para o mundo ocidental: poetas, filósofos, historiadores, todos eles são muito bem conhecidos pelos seus nomes, pelos títulos dos seus escritos (mesmo quando não se trata de um título original, muitas vezes criações posteriores), por vezes alguma informação biográfica. (GUTERRES, 2017, p. 23-24).

Guterres nos esclarece que essas informações bibliográficas podem ser entendidas, como por exemplo o nome de Homero. Entretanto, nosso historiador destacado é destaque entre tantos nomes como Tucídides, Aristóteles, Platão, etc. Seus escritos possibilitaram ultrapassar os séculos e deixaram um legado até os dias atuais. E é com essa perenidade que podemos apontar como os registros de Heródoto nos possibilita observarmos a verdade.

## **2.5 Heródoto e sua relatividade em relação à verdade**

De acordo com os estudos desenvolvidos por Morelo em sua dissertação, com o título *A relativização da verdade em Heródoto*, nos possibilita acessar a liberdade que Heródoto realiza em relação à verdade. A verdade para o historiador não se limita a algo absoluto. Como ocorreu na intervenção divina. Diferente dos oráculos e sonhos o *histor* recorreu a seus exaustivos deslocamentos em busca de alcançar e descobrir a verdade, ou as verdades de cada povo. Como afirma Morelo (2000, p. 22):

A relativização da verdade na obra de Heródoto pode ser identificada a partir de algumas perspectivas. Primeiramente, é percebida através dos valores culturais específicos das diferentes sociedades estudadas pelo historiador. Neste sentido, a verdade é relativizada em função das diferenças culturais: o

que constitui uma verdade para os gregos, pode não o ser para os bárbaros, por exemplo. Já numa segunda perspectiva, a verdade é relativa às fontes, ou seja, Heródoto não deixa de expor os relatos, mesmo quando estes são considerados por ele inverossímeis. Tal atitude de Heródoto proporciona ao ouvinte-leitor subsídios para conclusões diferenciadas. Não se propõe nas *Histórias* uma *verdade* absoluta.

O simples fato de fazer uma abordagem sobre o “outro” é de certa forma saber lidar com a relatividade. A ideia é percebida e existente entre os antropólogos, em relação ao conhecimento e valorização das culturas e suas singularidades, e é uma proposta baseada em conhecer e reconhecer o diferente do “eu”. Observando essa característica em Heródoto é possível enxergar que a verdade apresentada por ele pode ser interpretada como uma verdade fragmentada, onde está presente em suas testemunhas. Não queremos expor este adjetivo no sentido pejorativo, pelo contrário. É rica e positiva a maneira como ele se coloca diante de sua pesquisa. Como citado em outro momento ‘o historiador destacado parece ser um homem fora de seu tempo’. E suas conquistas respingaram nos tempos atuais. Como as pesquisas realizadas nas últimas décadas de nossa era.

Ao lermos *Letramento e oralidade na Grécia antiga*, obra de Rosalind Thomas, observamos como o trabalho do estudioso de poesia épica, Milman Parry, se dedica ao ‘outro’, à alteridade<sup>37</sup>. “Perry e seu discípulo, Albert Lord, voltaram-se para os bardos analfabetos contemporâneos da Iugoslávia meridional nas décadas de 1930 e 1950. Aqui eles podiam ver como um poeta oral realmente compunha enquanto cantava[...]” (THOMAS, 2005, 41). A tarefa anteriormente aplicada pelo historiador é espelhada, a investigação. Podemos afirmar que não apenas a valorização da oralidade de um povo pode ser realizada através das pesquisas, mas diversas características relacionadas a relatividade das sociedades. Perry literalmente teve contado com uma sociedade oral, onde seus estudos se respaldavam. Contudo, a tese dele é uma entre tantas, é uma verdade.

E este ponto é indispensável, sobre a verdade e sua relativização, a verdade nas *Histórias*. O cenário em que a historiografia se originalizou estava intrinsecamente ligado com o estado de exílio. Como afirma Morelo (2000, p. 10):

---

<sup>37</sup> Parry estudou os poetas iugoslava para de certa forma se aproximar da sociedade oral homérica, em busca de tentar conhecer suas composições através de uma outra sociedade oral. Entretanto seus estudos observaram que os poetas iugoslava improvisaram a composição de forma específica própria. Como afirma Thomas, “As pesquisas de Parry na Iugoslávia ajudaram a deslocar a ênfase do tradicional para o oral: os poemas homéricos eram agora poesia *oral* tradicional. Os poetas podiam ter composto sem escrever porque podiam invocar as expressões formulares de que necessitavam com base em um vasto repertório oral”. (THOMAS, 2005, p. 45).

O investigador é um viajante que narra sempre do ponto de vista externo, de um exilado, sem referencial fixo. É essa particularidade de ser um observador marginal, que, talvez, tenha influenciado sua maneira de perceber que a verdade é sempre relativa à opinião daquele que a diz, [...].

A escrita da história sem dúvida iniciou-se valorizando a neutralidade (ou pelo menos com um pouco dela). Essa característica foi real. Foi exatamente porque Heródoto compartilhava de inúmeros costumes que o mesmo pôde apresentar a relatividade, coisa que talvez não teria ocorrido se limitasse os relatos a partir de suas convicções e crenças. Apesar de seu julgamento ele não deixou de registrar um relato por achar que não seria verídico, não omitiu somente por ser diferente. Como nos esclarece Morelo, Heródoto coloca seu leitor diante de uma liberdade, de uma opinião pessoal. Um leque de possibilidades em relação ao conhecimento do passado, geral nos estudiosos uma observação de como, de fato, seguiu a metodologia aplicada nas *Histórias*.

Baseado na concepção do tempo dos deuses e do tempo humano, há elementos como o ‘eterno’ e ‘cronológico’ que aproxima o leitor de Heródoto a gerar, dentre outras coisas, a concepção de que o alcance da Verdade (absoluta) é uma qualidade pertencente apenas aos deuses. Sendo assim ela pôde ser (e foi) transmitida aos homens por meio de sonhos e oráculos. Porém, mesmo quando os deuses se manifestam ao revelar a verdade há por parte humana a possibilidade de interpretá-la de forma variada. Foi o que ocorreu com o rei Creso, quando os oráculos lhes deram uma resposta, mas o rei a interpretou equivocadamente e isso o levou a um resultado não esperado por ele. Associado a essa característica, vemos em Heródoto o cuidado de exibir as versões de verdade tidas autênticas para as numerosas culturas dos homens. A leitura de sua produção possibilita observar que a relativização da verdade se encontrava nas inscrições, mas também na memória, que se revelava através dos diálogos.

Com a ausência de uma verdade plenamente confiável, indiscutível, antes reservada ao poeta e seu contato com as deusas, resta a Heródoto buscar em seus informantes um material que pode ser escolhido, discutido e contestado, ou aceito pelo seu público, assim como o faz o próprio autor com as informações que apresenta nas *Histórias*. (GUTERRES, 2011, p. 19).

De acordo com o fragmento, Guterres nos reforça a analisar que a questão da verdade em Heródoto, apesar de as *Histórias* criar um espaço bastante propício para a relativização, é possível e importante percebermos que isso não significa que a verdade não esteja presente nos registros. Sendo presente e atencioso em ouvir, seu compromisso com diferentes situações lhe proporcionou visibilizar lugares e situações, Heródoto se aventurou na descoberta de novos fatos e a cada impacto com o “outro” sua narrativa

ganha cada vez mais aprimoramento. Junto a isso o reconhecimento de que há um enorme espaço de estudos relacionado a esta questão, que não necessariamente não é nosso objetivo explorar de forma aprofundada esta possibilidade.

Ao lembrarmos da frase de Aristóteles quando se refere a história como menos importante, ou verdadeira, que a filosofia e a poesia por ela se ocupar do particular, podemos fazer uma breve observação de que os historiadores realmente se comprometeram com os eventos particulares, Tucídides, por exemplo, se responsabilizou em contar de forma objetiva a *História da Guerra do Peloponeso*, não nos demorem a apresentá-la neste texto. Já Heródoto do mesmo modo realizou esta tarefa, mas há uma pequena (ou grande) questão a ser pensada. *As Guerras Médicas*, sendo exploradas no sentido ‘plural’ (pois nosso historiador se disponibiliza a conhecer não apenas um confronto como seu sucessor e sim vários) e ao mesmo tempo havendo nelas traços herdados das sociedades orais, como por exemplo a poesia, ela a história não ultrapassava esse “particular” apontado pelo filósofo Aristóteles?

*As Guerras Médicas* sendo eventos particulares podem ou puderam transmitir ao historiador e por meio dele elementos filosóficos? Já que há vestígios de que a filosofia nasceu com traços orientais? Concluindo, a história sendo um gênero iniciado entre diferentes culturas apresentou diversas contribuições, como nos afirma Momigliano (2004, p. 27), em relação aos registros de Heródoto que “suas histórias são repletas de presumíveis tradições persas”. Eis um dos motivos possíveis para a relativização da verdade em suas histórias.

### 3 UMA LEITURA DE HERÓDOTO: SUA PERMANÊNCIA EM RELAÇÃO A HERANÇA ÉPICA E A SUBJETIVIDADE DO HISTORIADOR (NASCIMENTO DA HISTÓRIA)

Essa aproximação com Homero seguramente não tem nada de fortuito. [...] O próprio Heródoto, no prólogo das Histórias, pensa na epopeia e pretende rivalizar com ela, fazendo eco ao início da *Iliada* e da *Odisseia*. Como atesta Luciano, deu-se o nome das Musas a cada um dos nove livros das Histórias. Dionísio de Halicarnasso o vê como um imitador, “imitador de Homero”: Heródoto, grande imitador de Homero, dedicou-se a espalhar por suas Histórias a maior variedade. Lendo-a, tudo nos encanta por até a última sílaba e ficamos desejando que fosse mais longa. [...]. (HARTOG, 2014, p. 332).

Como aponta o fragmento, Heródoto se aproximou de Homero, esse vínculo com o discurso do *aedo* não é necessariamente algo “fortuito” acidental. O historiador além de se encontrar entrelaçado dentro da cultura oral ainda não tinha condições de romper de vez com a poesia, pois, a mesma era algo bastante presente e relevante em seu contexto histórico. O “eco” que a história fez nos poemas homéricos pode ser compreendido, como por exemplo, no início do primeiro livro de Heródoto há uma breve introdução sobre a causa dos confrontos nas guerras médicas; e o rapto de Helena (que foi a causa da Guerra de Tróia) foi o marco para que os confrontos entre gregos e persas tivesse início de fato. Ou seja, Heródoto parte de um evento já citado pelos poetas. É interessante que justamente para começar suas Histórias o historiador fez esse “eco”, essa memória aos versos épicos.

As *Histórias* são compostas de nove (9) livros onde há a presença de mitos, oráculos, sonhos, feitos humanos, etc. Esses elementos fazem a narrativa herodotiana parecer bela e aproximada da literatura dos deuses e heróis homéricos. Mas ao mesmo tempo Heródoto inaugura algo novo, algo inédito.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Logo no início do livro I Heródoto teve acesso as testemunhas que compartilharam sobre o que poderia ter sido a causa da inimizade entre gregos e bárbaros, segundo o mesmo “Os Persas mais esclarecidos atribuem aos Fenícios a causa dessas inimizades. Dizem eles que esse povo, tendo vindo do litoral da Eritrêia para as costas do nosso país, empreendeu longas viagens marítimas, logo depois de haver-se estabelecido no país que ainda hoje habita, transportando mercadorias do Egito e da Assíria para várias regiões, inclusive para Argos. Esta cidade era, então, a mais importante de todas as do país conhecido atualmente pelo nome de Grécia. Acrescentam que alguns fenícios, ali desembarcando, puseram-se a vender mercadorias, e que cinco ou seis dias após sua chegada, quase concluída a venda, grande número de mulheres dirigiu-se à beira-mar. Entre elas estava a filha do rei. Esta princesa, filha de Inaco, chamava-se Io, nome por que era conhecida pelos Gregos. Quando as mulheres, postadas junto aos barcos, compravam objetos de sua preferência, os fenícios, incitando uns aos outros, atiraram-se sobre elas. A maior parte delas logrou fugir, mas Io foi capturada, juntamente com algumas de suas companheiras. Os fenícios conduziram-nas para bordo e fizeram-se à vela em direção ao Egito.” (HERÓDOTO, I, I, p.30). Esse foi o primeiro rapto segundo os persas que causaram os demais até o rapto de Helena, esposa de Menelau por Páris, o príncipe troiano.

Essa inauguração foi entendida como a sua subjetividade e autoridade de seu discurso. É interessante que ao mesmo tempo que se aproxima da epopeia através dos elementos que fazem aparecer o tempo dos deuses, a história começa a ganhar sua própria identidade com o auxílio da investigação e do método investigatório. É sabido que Heródoto deu os primeiros passos em direção para se pensar a história enquanto campo aberto de pesquisa. E esse caminho ainda estava envolvido de forma direta com a tradição e aos poucos foi se distanciando com historiadores posteriores. Junto a isso é nítido afirmar que o *histor* “tentou rivalizar com Homero” não no sentido de excluir de vez a produção poética, mas porque ele (Heródoto) já estava priorizando o tempo dos homens.

Neste aspecto é possível afirmar que o “pai da história” esteve no meio do caminho, entre a poesia e a história. Como aquele que regou o terreno inicial do campo histórico.

Como apresentado, a passagem “da epopéia a história”<sup>39</sup> foi desenvolvida através de vários elementos como os oráculos e divindades, que serão apresentados nas próximas páginas, de acordo com a obra de Heródoto em que o mesmo tituló cada um de seus livros com o nome das musas da mitologia grega. Porém apesar desses livros serem titulados com termos mitológicos há uma preocupação com o memorial que tem também como finalidade (e principal finalidade) a investigação dos feitos humanos em tempos passados, o zelo com o tempo cronológico.

### **3.1 A presença do divino na história: oráculos e sonhos**

O “pai da história” manteve viva as histórias dos antigos dentro de suas verdadeiras características, pode-se dizer que foi fiel ao mundo épico apesar de já haver um distanciamento. Pontualmente nem era possível negar a tradição naquele momento, (pelo menos não com os meios que utilizou) pois as fontes (principalmente os testemunhos orais) em que ele optou por recorrer para obter conhecimento do passado, estavam enraizadas na tradição. Tradição essa atribuída de uma diversidade mitológica herdada por gregos e orientais.

Por consequência, podemos perceber com ênfase, a existência dos oráculos e sonhos em seu discurso, que estão sendo expostos com mais detalhes neste capítulo. Nesse sentido de expor as passagens em que Heródoto revela essa relação e

---

<sup>39</sup> Este é um dos subtítulos que Hartog apresenta em sua obra “Os antigos, o passado e o presente” em que o autor aborda a passagem da economia do *kléos*, da glória heroica, para as ações humanas.

distanciamento com a epopeia é mostrado alguns elementos que afirmam esse posicionamento do *histor* e a relevância de sua postura para se pensar a própria ideia de história.

Logo no livro I, *Clio*<sup>40</sup>, da obra herodotiana, há evidências da presença de ações divinas na vida dos homens de outrora. Antes de apresentar os indícios da existência das coisas divinas é importante esclarecer que os eventos humanos estavam diretamente ligados ao passado, ao que já se cumpriu, por isso há ênfase em ocorridos não de seu tempo atual e sim do tempo anterior ao seu, Heródoto diferente de Tucídides não via a história como história do presente, e sim do passado. Como fonte, o *histor* recorreu a testemunhas para legitimar o registro. Com isso é interessante que a preocupação em apresentar o tempo dos homens sempre esteve acompanhada de traços divinos. Na história do rei Creso,<sup>41</sup> por exemplo, o *histor* apresenta que Creso:

Despachou [...] emissários para a Líbia, com destino ao templo de Júpiter [...] Esses delegados eram enviados com o fito de experimentar o acerto e a legitimidade dos oráculos da Grécia e da Líbia. Se suas respostas fossem exatas, consultá-los-ia uma segunda vez, para saber se devia ou não fazer guerra aos Persas. (HERÓDOTO, I. XLVI, p. 50).

Ao observar a passagem é possível identificar como se encontra nítido a relação entre os homens e o eterno. Neste sentido o tempo dos homens recorre ao tempo dos deuses para obter um objetivo, de vencer a guerra, há uma relação que a palavra divina tem grande valor para os homens.<sup>42</sup> Dentro dessa perspectiva é justificável observar que o rei por meio de seus servos busca a coerência em relação às respostas dos oráculos, para sentir-se seguro em sua suposta empreitada contra os persas. É significativo observar também que há neste percurso histórico da história de Creso uma ação humana, que é a sua própria atitude de planejar guerrear contra os persas. Creso começa a observar que o

<sup>40</sup> “*Clio*” é conhecido na tradição grega como uma das filhas de Zeus, a musa da história.

<sup>41</sup> “Creso era lídio por nascimento, filho de Aliata e rei das nações banhadas pelo Hális, no seu curso. Este rio, corre do sul, atravessa os países dos Sírios e dos Paflagônios, e desemboca ao norte, no Ponto Euxino. Pelo que me é dado saber, foi o príncipe o primeiro bárbaro a forçar uma parte da Grécia a lhe pagar tributo e não ter-se aliado com a outra. Submeteu os Iônios, os Eólios e os Dórios estabeledos na Ásia, e fez aliança com os Lacedemônios. Antes do seu reinado, todos os gregos eram livres. A expedição dos Cimerianos contra a Jônia, anterior a Creso, não fez mais do que arruinar as cidades, pois não passou de incursão seguida de pilhagem.” (HERÓDOTO, I. VI, p. 32).

<sup>42</sup> Em harmonia com esse exemplo de Creso, de recorrer as respostas dos oráculos, pode-se fazer uma breve analogia com o rei Agamenon, que sacrificou sua própria filha para obter poder e vitória não apenas na famosa guerra de Troia narrada por Homero, mas como um sacrifício em busca de supremacia em relação aos povos. Em concordância com essa analogia podemos notar de forma mais clara como Creso se relacionou com as divindades.

poderio persa, comandado por Ciro,<sup>43</sup> se encontra crescendo em poder e expansão; afim de evitar um futuro ataque a seu império, fatalmente Creso planeja de imediato avançar contra o inimigo, essa foi a causa de sua busca a revelação divina dos deuses através dos oráculos e sacerdotes. A palavra oral tinha grande presença neste contexto e quando proferida por um sacerdote ou outro personagem próximo dos deuses, sua força era tida como sobrenatural, pois podia transmitir os desígnios divinos. “Os dois oráculos concordaram nas respostas. Predisseram, um e outro, ao soberano, a guerra contra os Persas e a conseqüente destruição de um grande império[...]. ” (HERÓDOTO, I. LIII, p. 52).

Os oráculos, da Grécia e Líbia, responderam que um grandioso império viria a ser destruído, com essa resposta o rei confiou que seu poderio fosse o vencedor de tal confronto que iniciaria dali por diante. Junto dessa interpretação podemos perceber que os deuses interferem na vida humana, mesmo a narrativa de Heródoto sendo um texto em prosa e inaugurando o tempo cronológico, a interpretação épica também teve lugar reservado em seus escritos. Pois a revelação divina foi essencial para que os confrontos, os acontecimentos, entre os povos tivessem movimento. Ciro lançou as seguintes palavras a Creso após a realização de um acontecimento entendido como divino ou prodigioso<sup>44</sup>:

[...]“Ó Creso, quem te aconselhou a invadir minhas terras com um exército, declarando-te meu inimigo em vez de buscares a minha amizade?” “Teu destino feliz e a má sorte me arrastaram, senhor, a esta malfadada empresa — respondeu Creso. — O deus dos Gregos foi o culpado de tudo; ele, somente ele, persuadiu-me a atacar-te. (HERÓDOTO, I. LXXXVII, p. 72).

---

<sup>43</sup> Ciro é filho de mandane e Cambses, neto de Ástíages, se tornou rei Persa, mas também conquistou diversos povos não apenas na Ásia como na Europa. Seu império foi muito poderoso

<sup>44</sup> Após o domínio persa sobre Sardes (região que reinava Creso), “Os Persas, depois de aprisioná-lo, levaram-no a Ciro. Este fê-lo subir, carregado de ferros e cercado de quatorze jovens lídios, a uma grande fogueira erguida para sacrificar a alguns deuses as primícias da vitória, ou para cumprimento de um voto, ou, talvez, para comprovar se Creso, cujo espírito piedoso era tão proclamado, seria preservado das chamas por alguma divindade [...]O fogo já havia sido ateado e a fogueira já começava a arder pelas extremidades quando Ciro, recebendo pelos intérpretes a resposta do soberano vencido, arrependeu-se do seu gesto. Lembrou-se de que também era um ser humano e que, não obstante, estava fazendo queimar um seu semelhante, que não se julgara menos feliz do que ele. Por outro lado, temia a vingança dos deuses; e refletindo sobre a instabilidade das coisas humanas, mandou apagar imediatamente a fogueira e fazer descer Creso e seus companheiros de infortúnio. Todavia, os maiores esforços já não conseguiam debelar a violência das chamas [...]Então Creso, segundo relatam os Lídios, informado da deliberação de Ciro e vendo aquela multidão açodada, tentando extinguir o fogo sem consegui-lo, invoca em altos brados a proteção de Apolo, suplicando-lhe que, se suas oferendas lhe foram agradáveis, o socorra e o salve de tão iminente perigo. Essas súplicas eram acompanhadas de copiosas lágrimas. De súbito, num céu límpido e radioso, nuvens pardacentas se aglomeraram; desaba uma tempestade, e a chuva, caindo em abundância, apaga o fogo. Tão prodigioso fato veio mostrar a Ciro o quanto Creso era querido pelos deuses por suas virtudes. ” (HERÓDOTO, I. LXXXVI, LXXXVII, p. 70-71-72).

Desta forma há a compreensão de que o oráculo é um “intermediário” entre homens e deuses. Pois Crespo se refere a divindade do oráculo mais confiável da Grécia, na cidade de Delfos, que lhe revelou. A culpa foi lançada ao deus dos gregos por persuadir o confronto. Como um elo que ligasse a vontade humana, os sinais dos fatos,<sup>45</sup> a revelação do destino em relação aos eventos que estavam ocorrendo em determinado tempo cronológico.

Nessa concepção o destino dos povos estava completamente traçado pelos desígnios que os deuses permitiram no movimento histórico daquela época em que Heródoto se dedicou a deixar eternizado como evento monumental. Juntamente com essa atitude não apenas as consultas aos oráculos foram relevantes, mas também os “sonhos”. Esse outro elemento que por sinal tem uma aproximação bastante significativa com os oráculos. Sonhos e oráculos tiveram papéis importantíssimos e bastante próximos dos relatos recolhidos pelo historiador. É significativo que a historicidade muitas vezes começa a tomar um rumo diferente a partir desses elementos herdados<sup>46</sup> e que fazem parte da cultura oral e se relaciona com a epopeia. Segundo os relatos de Heródoto (I. CVII, p. 82):

Astíages, [...] Teve [...] uma filha, à qual deu o nome de Mandane. Certo dia sonhou que ela urinava com tal abundância que inundava a capital do reino e toda a Ásia. Comunicando o sonho aos magos que se dedicavam a interpretações desse gênero, ficou de tal forma aterrorizado com os detalhes da explicação, que, quando a filha cresceu, não quis dar-lhe por esposo um meda digno pela linhagem; fê-la desposar um persa chamado Cambises, o qual, embora filho de importante família e de muito bons costumes, ele o considerava inferior a um meda de condição medíocre.

O sonho do rei teve papel importante para que uma longa narrativa percorresse de maneira bela aos olhos de quem a lê. Esse ocorrido, da revelação do sonho, poderia ser visto sem importância, mas o rei Astíages consultou os magos, pois, ficou incomodado com tal ocorrido. Fatalmente mais uma vez<sup>47</sup> os deuses interferem de forma predestinada na vida humana<sup>48</sup>, no rumo destinado não apenas da vida do soberano, mas também de todos os homens que pertence a determinado reino ou império.

---

<sup>45</sup> Aos sinais de que o império persa estava invadindo e conquistando muitos povos e nações.

<sup>46</sup> Pontualmente podemos dizer que os sonhos são naturais à natureza humana, independente do contexto histórico, porém o modo de como as sociedades valorizam este elemento, no sentido de interpretação é que faz dele um fator singular e os gregos e persas observavam os sonhos (pelo menos nos registros que está sendo apresentado) como um sinal divino.

<sup>47</sup> Não há a intenção de tentar apresentar quando ou em qual narrativa (se de Crespo ou Ciro) os deuses se manifestaram primeiro. Não há neste quesito a preocupação em apresentar uma linha do tempo, mas de seguir apenas as passagens de manifestações do divino, seja ela através de sonhos ou profecias.

<sup>48</sup> Predestinada porque traça o destino humano. Como exemplo de destino colocado pelos deuses pode ser lembrado a história do rei Édipo, filho de Laio rei da cidade de Tebas, que os deuses o castigaram por um

Como mencionado, o rei ficou “aterrorizado” com o que os magos expuseram em suas interpretações. Em concordância, os sonhos e oráculos podem ser uma conexão, ou uma porta para se pensar os acontecimentos humanos através da relação entre poesia e história. É evidente que há relevância desses dois elementos ao realizar um elo entre esses modos diferentes de discursos; e há contribuições nisto para o surgimento da história. Essas são afirmações para se pensar não apenas os gêneros de discursos mencionados, mas também para se pensar o homem enquanto ser atuante dentro de seu contexto. Pois, a produção poética é repleta de um contexto não apenas belo, no sentido de contar os grandes feitos dos heróis, essa produção conduziu o homem antigo a encontrar o sentido de suas próprias ações. Envolvendo a harmonia com do universo e suas riquezas no sentido de formação tanto educacional como justificativa para as questões que envolvia o *cosmos* em tempos de outrora. A transição da produção poética para a produção histórica também foi o palco para uma transformação de mentalidade, em que os homens passaram a se vê com um *lógos* sendo construído num campo da ação humana.

A importância desses traços épicos foram fundamentais, pois, o historiador assim como o poeta também permitiu que aparecesse as divindades para dar justificativa os fatos que estava ocorrendo na história, nos eventos temporais. Ao lado desta contextualização, esses traços que fizeram parte da tradição impulsionaram os homens a construir uma memória tida como grandiosa, o *kléos* da história, o maravilhoso nos registros herodotianos como fala Cynthia Morais.

Dessa forma a aproximação que a prosa tinha com a poesia foi necessária, pelo menos no tempo de Heródoto, para que os relatos começassem a sair e entrar em um novo campo de interpretação. Da harmonia dos cantos em rumo a produção escrita em prosa. Não apenas os sonhos e oráculos, mas outros elementos herdados foram

---

erro de seu pai. Os deuses anunciaram através do oráculo de Delfos, uma cidade grega, que Édipo mataria seu pai e casaria com sua mãe, Jocasta. Para evitar essa sina Laio tentou se livrar do filho, mas não conseguiu e fatalmente as palavras divinas sobre o destino de Édipo se cumpriram. Fazendo uma outra analogia com as Histórias é possível perceber que o rei Cresos e assim como Édipo também foi castigado pelos deuses por conta do erro de um ancestral seu, Cresos fazia parte da quinta (5ª) geração de Gigés, que matou seu soberano (Candolo) e tomou seu lugar no trono; segundo Heródoto, “Gigés subiu, [...] ao trono, e ali foi confirmado pelo oráculo de Delfos. Os Lídios, indignados com a morte de Candolo, haviam, a princípio, pegado em armas, mas concordaram com os partidários de Gigés que, se o oráculo a este reconhecesse como rei, a coroa ficaria mesmo com ele; de outra maneira, ela voltaria para os Heraclidas. O oráculo pronunciou-se favoravelmente a Gigés, ficando-lhe assegurada a posse do trono. Todavia, a pitonisa acrescentou que os Heraclidas seriam vingados na quinta geração do príncipe. Nem os Lídios, nem os seus reis tiveram em conta semelhante advertência até ser ela justificada pelos fatos.” (Heródoto, I. XIII, p. 35).

importantes para o nascimento da história. Partindo disso, e em conformidade com Thomas, pode-se afirmar que “[...] a comunicação oral significa comunicação por palavra falada, apenas. Quando os historiadores antigos usavam testemunhas vivas como fontes para acontecimentos que elas haviam vivido, eles estavam utilizando comunicação oral e tradição oral” (THOMAS, 2005, p. 8). A fonte secundária, o ouvido, que Heródoto recorreu era totalmente incluída na tradição, com o canto dos versos, por isso não é estranho se deparar com o mitológico. A palavra falada tinha um poder de transmissão do conhecimento, mas como ponto negativo essa palavra poderia ser mudada de acordo com a situação ou perda da memória, da lembrança.

É justamente por isso que o *histor* declara-se “Persuadido da instabilidade da ventura humana, estou decidido a falar igualmente de uns e de outros” (HERÓDOTO, I, V, p. 32). Porque mesmo a cultura oral sendo complexa e riquíssima dentro de seus costumes, o esquecimento podia ser o responsável por alterar o relato das testemunhas que tiveram contato com as histórias investigadas.

É possível chegar à conclusão, que há por parte do autor das *Histórias* um certo limite em termos de aproximação ao que foi contado (relatado) sobre as “coisas divinas”, essa limitação se dar porque o passado foi concluído. Sendo concluído já não existe no tempo presente em que o *histor* escreveu. Mesmo conhecedor das epopeias, como já citado, Heródoto não fala como um *aedo*, que é levado a um estado de introspecção e revelação inspirada por seres sobrenaturais; porém fala como alguém que pesquisou e recolheu dados. Ou seja, houve um estado não mais de introversão, mas de extroversão. Ele saiu de seu conforto em busca de respostas.

### **3.2 A subjetividade do historiador: alteridade dos povos e autoridade do discurso**

A pessoa do *histor* começou a construir sua identidade literalmente atuando em um campo do saber dentro de uma perspectiva empírica. Como sabido a atividade de viajar e ter acesso a variedades de informações e conhecimentos fez de Heródoto um homem conhecedor de inúmeras diversidades em relação aos povos bárbaros e gregos. Mas não apenas isso foi necessário neste processo, ele observou as informações e fontes usando sua racionalidade, seu *lógos*. Assim o *lógos* passou a ser utilizado nas ações reais e nos eventos.

Ao fazer uso da primeira pessoa no singular, “eu ouvi” “eu vi”<sup>49</sup> a atividade de investigação ganha sentido por ter um contato mais aproximado do ocorrido. Diferente do que ocorre com o *aedo*. A autoridade sem dúvida foi quem deu ao historiador e através dele a história o poder de narrar os discursos baseados em suas próprias experiências (em fatos). Junto a isso o discurso produzido no âmbito empírico tem uma identidade diferente da narrativa exercida até então. A alteridade como um ponto relevante nas Histórias pode ser entendida como um olhar em relação ao outro; não apenas no sentido de interpretar o outro, mas como esse outro é apresentado ao *histor* e como o mesmo interpreta essa transposição<sup>50</sup> da identidade alheia. Em suas viagens Heródoto teve contato com diversas etnias, mas muitas vezes ele não falava o idioma que os povos eram adeptos. Dentro desta perspectiva de conhecer os costumes e os feitos humanos podemos afirmar que os costumes dos povos são distintos e específicos. Como por exemplo:

Há [...] Indianos com hábitos e costumes diferentes. Não matam nenhum animal; nada semeiam; não possuem moradia e se alimentam de ervas. Existe na região por eles habitada uma espécie de grão que a terra produz por si mesma. Esse grão, um pouco maior que o do milho, está encerrado numa casca. Os habitantes colhem-no, fervem-no com a casca e comem-no em seguida. (HERÓDOTO, III. C, p. 276).

Há especificidades não apenas nos modos de alimentação dos povos, há também nas condições naturais (geográficas) e nas leis de cada povo, como por exemplo: “Assim como os Egípcios vivem num clima bem diferente do dos demais países, e o Nilo difere também dos outros rios, do mesmo modo seus costumes e suas leis se distinguem, na sua maior parte, das das outras nações” (HERÓDOTO, 2006, p. 149). Por conta de seus costumes próprios, que relacionado as demais culturas o Egito pode ser visto muitas vezes como estranho no sentido pejorativo, dentre tantos costumes descritos pelo pai da história entre eles estão:

Entre os Egípcios, as mulheres vão ao mercado e negociam, enquanto os homens, encerrados em casa, trabalham no tear. Os outros povos tecem puxando o fio para cima; os Egípcios puxam-no para baixo. No Egito, os homens carregam os fardos na cabeça, e as mulheres, nos ombros. As mulheres urinam em pé; os homens, de cócoras. Quanto às outras necessidades naturais, satisfazem-nas em recintos fechados; mas comem nas ruas. Alegam como justificativa para essa conduta, que as coisas indecorosas mas necessárias

<sup>49</sup> “Eu vi” está voltado para as inscrições que o pai da história teve a oportunidade de observar. Como por exemplo, “Eu mesmo tive ocasião de ver em Tebas, na Beócia, letras cadméias no templo de Apolo Ismênio. (HERÓDOTO, V. LIX, p. 415). E com isso a autoridade dele se revela dentro do relato.

<sup>50</sup> Transposição porque é por meio do testemunho o relato sobre determinado povo é que a interpretação do outro aparece ao pesquisador, porém talvez desse relato o investigador (o historiador) pode interpretar essa identidade de forma diferente.

devem ser feitas em segredo, enquanto que as que não o são podem ser realizadas em público. É vedada às mulheres a função de sacerdotisa de qualquer deus ou deusa; o sacerdócio é reservado aos homens. Se os filhos do sexo masculino não querem sustentar os pais, não se vêem forçados a isso; mas as filhas são obrigadas. [...] Nos outros países, os sacerdotes usam cabelos compridos; no Egito, raspam-no. Nas outras nações, os habitantes, quando estão de luto, raspam o cabelo e a barba, principalmente os parentes mais próximos; os Egípcios, ao contrário, deixam crescer o cabelo e a barba, que, até aquele momento, vinham usando raspados. Os outros povos fazem suas refeições em lugar separado dos animais; os Egípcios comem junto com eles [...] Ao contrário dos outros povos, que deixam as partes sexuais no seu estado natural, eles adotam a circuncisão. Os homens têm, cada um, duas vestes; as mulheres, apenas uma. Os outros povos amarram do lado de fora os cordões dos véus; os Egípcios amarram-nos do lado de dentro. Os Gregos escrevem e calculam com tentos, manejando-os da esquerda para a direita; os Egípcios, ao contrário, manejam-nos da direita para a esquerda, mas afirmam que escrevem e calculam para a direita, e os Gregos, para a esquerda. Empregam duas espécies de letras: as sagradas e as vulgares. (HERÓDOTO, II. XXXV, XXXVI, p.149-150).

Diante de tal registro podemos sem dúvida concordar que de fato o *histor* observou de forma até encantada os hábitos exóticos do povo egípcio, como de fato suas especificidades rotineiras do dia-a-dia eram únicas em relação aos demais povos gregos e bárbaros. Principalmente na inversão de tarefas encontrados entre homens e mulheres em relação aos demais lugares visitados. De acordo com Hartog (2014, p. 244), “Quando se trata dos costumes, a diferença transforma-se no outro.” Ao olhar o outro, logo ele é percebido como diferente de mim. A beleza do “outro” faz da narrativa histórica algo grandioso e belo, pois esses detalhes falam muito sobre a ação dos homens dentro de suas culturas. E é possível perceber que em conformidade com essas características expostas na citação há sem dúvida a construção cultural pelos homens no espaço de tempo. A narrativa histórica se comprometeu em fazer uma avaliação no sentido de olhar não apenas as regiões e os povos, mas observar as belezas peculiares de cada região, em especial do Egito. Dentro de sua subjetividade o *histor* faz uma apresentação da diversidade de estilos culturais que havia entre as regiões próximas as ilhas gregas no tempo de outrora que pode ser percebida em relação a geografia, mas também sobre os costumes desse países e povos.

Junto a isso, foi justamente com essa atitude de olhar o “outro” que se destaca não apenas os Egípcios, mas também as Amazonas em relação aos Cítas. Não houve somente preocupação com a diferença, mas também os próprios protagonistas de seus relatos se depararam com a alteridade entre si e o outro, assim afirma:

Os Cítas mostraram-se admirados ante aqueles inimigos, cujas vestes lhes eram desconhecidas, bem como a língua que falavam. [...] Enganados pela uniformidade da estatura e porte dos invasores, supuseram, a princípio, tratar-

se de homens, e essa convicção lhes deram combate; mas descobrindo, pelos mortos que ficaram em seu poder depois da luta, tratar-se de mulheres, resolveram, [...] enviar os mais jovens dentre eles, em número correspondente ao das estranhas guerreiras, com ordens para estabelecer acampamento perto delas e imitá-las em todas as suas ações, [...] fugindo, em vez de aceitar o combate, [...] pelo desejo de possuírem filhos de tão belicosas mulheres. (HERÓDOTO, IV. CXI, p. 350-351).

Nas *Histórias*, os Citas foram surpreendidos por um grupo de invasores em que era desconhecido em relação as vestes e a língua, os nativos não tinham conhecimento de quem eram os inimigos que tinha a atividade da pilhagem (de saquear). De acordo com o livro IV as amazonas são uma comunidade de mulheres, em que a presença de homens não se faz presente entre elas. Eram guerreiras, jovens belas que se dedicaram a guerra. Ao verem suas características e costumes os Citas através do contato perceberam que eram diferentes não apenas por serem mulheres, mas por meio de seus costumes. Os citas apesar da alteridade se juntaram a elas e após um tempo, afim de voltar a conviver com seus pares<sup>51</sup> novamente chamam suas companheiras, mas as mesmas se pronunciam:

[...]“Não poderíamos — responderam as Amazonas — viver em boa harmonia com as mulheres do vosso país. Seus costumes são diferentes dos nossos: atiramos com o arco, lançamos o dardo, montamos a cavalo e não aprendemos os misteres próprios do nosso sexo. Vossas mulheres nada disso fazem e não se ocupam senão de trabalhos femininos. Não abandonam suas carretas, não vão à caça e nem se afastam do lar. Por conseguinte, nossa maneira de viver jamais se coadunaria. Se quiserdes que continuemos como vossas esposas; se quiserdes agir com justiça, ide procurar vossos pais, pedi a parte dos bens que vos pertence e voltai para o nosso lado, para vivermos a nossa vida”. (Heródoto, VI.CXIV, p. 352).

Está nítido que os modos de vida não eram parecidos entre ambos. Segundo o relatório que o historiador recolheu sobre as amazonas, elas se identificavam como não iguais as mulheres citas, todos os caracteres apresentados são frutos de uma construção da identidade de uma sociedade. E a subjetividade historiográfica se fez essencial para mostrar os antigos (os povos antigos) e suas singularidades. O projeto de não deixar o passado se apagar, resultou-se em uma das referências mais antigas que pode haver sobre esses povos. Sem este compromisso com a investigação talvez não fosse possível o conhecimento sobre as amazonas nos dias atuais, o saber sobre as mulheres guerreiras que lançavam arcos, e que não tinham intimidade com as tarefas femininas que outros

---

<sup>51</sup> Na intenção de casarem-se com as amazonas, os citas se aproximaram das mesmas para tentar conquistá-las por meio de repetir seus costumes e assim resultar-se em uma aproximação. Foram várias tentativas para que de fato as guerreiras permitissem o contato harmônico dos jovens citas. Com isso elas se uniram a eles. É interessante apontar que para a realização desse ocorrido os citas tiveram de sair de suas acomodações, de seu habitar de costume. Quando a aproximação estava concretizada os citas falaram para as amazonas que tinham bens em outro lugar onde atualmente estavam com elas.

povos tinham. A forma de conduzir a vida era singular em cada comunidade nas *Histórias*.

Todas essas passagens foram relevantes e possíveis porque o *histor* utilizou de sua autoridade sobre o discurso. Como afirmado nos capítulos anteriores “a certidão de nascimento da [...] história” (ANHEZINI, 2009, p. 20) se deu através da autonomia de Heródoto. Dentro dos confrontos foi possível através do exílio a visão dos dois lados em questão, ele estando num estado de exílio pôde averiguar os dois lados dos confrontos. Dando voz aos gregos e aos bárbaros por meio das testemunhas e demais fontes ligadas à sua atividade de historiador. E foi ganhando cada vez mais contato com o que possivelmente; ocorreu, diferente do *aedo* que esse contato direto não existia. Incluso neste contato houve a seleção dos fatos e fontes. Por isso que os eventos humanos passam a serem tidos como relevantes para o progresso em termos de continuidade e desenvolvimento da própria história monumental.<sup>52</sup>

Todos esses elementos se deram através de pesquisa, da veracidade, da autoridade. Porém, a história ainda estava vinculada a literatura, aos eventos invocados. E não se pode falar do início, do nascimento do discurso em prosa como se isso tivesse levado ao abandono das musas e os demais elementos orientais, mas pode-se afirmar que neste meio termo entre os dois gêneros narrativos Heródoto já priorizava o mundo dos homens. Em concordância com essa priorização o autor escreve:

Sabedor do ocorrido, Xerxes, indignado, mandou aplicar trezentas chicotadas no Helesponto e lançar ali um par de cadeias. Ouvi dizer que ele ordenou também aos executores que marcassem as águas com um ferro em brasa; mas o que é certo é que, juntamente com as chicotadas, ordenou a um dos executores que proferisse este discurso bárbaro e insensato: “Onda traiçoeira, teu senhor assim te pune porque o ofendeste sem que ele te houvesse dado motivo para isso. O rei Xerxes passará por ti, quer queiras, quer não. É com razão que ninguém te oferece sacrifícios, pois que és um rio traidor e vil”. Depois de castigar assim o mar, fez cortar a cabeça dos que haviam dirigido a construção da ponte. (HERDOTO, VII, p.529).

Ao ter conhecimento sobre a tempestade e que por conta dela a ponte recém construída para a travessia de Xerxes pelo Helesponto o rei deu ordens para castigar o mar. Ao usar as palavras “ouvi dizer” o campo histórico ganha o poder da fala, a autoridade de quem de fato estar falando algo presente no discurso. Apesar da atitude

---

<sup>52</sup> Por exemplo, como pensar a Idade Moderna sem o conhecimento da Idade Média? Conhecer o passado é importante para progredir sempre e estar sempre em harmonia de quem éramos e de quem somos, como era o pensamento intelectual antes e como funciona agora. Sem dúvida Heródoto deixou um legado, uma sensação de conforto para seus descendentes em relação ao passado.

“insensata” de Xerxes de chicotear e marcar com ferro quente as águas do Helesponto o historiador se detém em não deixar esse grande evento sem ênfase. É possível notar de acordo com fragmento “ouvi dizer”, que o discurso está se adequando a um regime de verdade novo (regime esse iniciado de acordo com a realidade humana), onde as justificativas estavam sendo pensadas através do *lógos*, a responsabilidade de autoria do que estava sendo dito sobrevivia através da averiguação e do ofício do *histor*, ganhando e conquistando seu espaço dentro de uma mentalidade em que esse novo estava se adequando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver este trabalho procuramos analisar como a história se iniciou a partir da herança da tradição Oriental. As heranças da poesia na história são elementos indispensáveis, pois, foi analisado alguns traços que caracterizaram as aproximações entre os dois discursos. Tais características como: a autoria, que estava presente em ambos os discursos; a presença de algo tido como grandioso (memorial) na epopeia e na história; a existência de traços divinos nos versos e prosa; o conhecimento do passado dos povos. Essas características foram alguns dos pontos relevantes neste trabalho de conclusão de curso que tem o objetivo de refletir sobre o fazer historiográfico e como isso é relevante para ser pensado na história científica que conhecemos atualmente. Pois, há especulações de que a história (inaugurada pelos gregos) tenha sido deixada, de certa forma, de lado em relação à história comprometida com o modelo científico.

Partindo disso, desejamos contribuir com a reflexão sobre a história e seu contexto inicial, é viável enxergar que se abriu inúmeras possibilidades para pesquisa histórica desde a contribuição dos historiadores antigos. A partir da observação de que a historiografia antiga estava utilizando elementos literários e com o seu percurso podemos lançar interrogações que podem ser problematizadas. Como por exemplo, será realmente que a história (contemporânea) abandonou o aspecto literário? Mesmo dentro da teoria histórica moderna (científica, positivista) a história alcançou, de fato, o grau de positividade que ela tanto deseja? Ou ainda há em si aspectos literários? São questões como essas e tantas outras que movem o estudo historiográfico e suas particularidades.

Sem a intenção de esgotar as reflexões e conclusões sobre o tema trabalhado “Clio: do discurso poético ao discurso histórico” desejamos contribuir para as indagações vinculadas a este tema. Pois, há inúmeras questões a serem analisadas em torno do registro histórico, da escrita da história antiga e seus riquíssimos ensinamentos sobre o tempo dos homens.

Embora esta pesquisa tenha se esforçado para obter reflexões e respostas sobre a escrita da história antiga e seu vínculo com as divindades é interessante percebermos a intenção de deixar esse problema como não concluído e sim como abertura para possíveis especulações. Pois, nos referimos ao longo do texto sobre a inauguração do conhecimento histórico e como sabemos um nascimento é apenas um começo e é a partir dele que os problemas surgem. Com base nessas reflexões queremos continuar contribuindo para o saber histórico e sua problematização vinculada aos autores clássicos

que são indispensáveis para o movimento de descoberta e construção do sentido do saber historiográfico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANHEZINI, Karina. **Escrituras da história mestra da vida à história moderna em movimento (um guia)**. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2009. Disponível em <<http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/923/5/Escrituras%20da%20hist%C3%B3ria.pdf>> Acesso em 17/08/2017.

ARAÚJO. Johny Santana de. Os caminhos da interação entre história, historiografia e teoria. **Revista de Teoria da História**. 7. a. 13. n. Universidade Federal de Goiás, 2015. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/35125/18458>> Acesso em 04/06/2018.

BESSELAAR, José van Den. Heródoto, o pai da história. 24. v. 49. n. **Revista de história: conferência**, 1962. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/213729906/HERODOTO-O-PAI-DA-HISTORIA>> Acesso em 15/08/2018.

BURROW, John. **Uma história das histórias: de Heródoto e Tucídides ao século XX**. Tradução de Nana de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BELATO, Dinarte. **Civilizações Clássicas II**. Rio Grande do Sul: Ed. Unijuí, 2009. (Coleção educação a distância. Série livro – texto).

CARREIRA, José Nunes. História e historiografia na Antiguidade Oriental. **DIDASKLIA**. 1982. p.333-358. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/330180837/Antiguidade-Oriental>> Acesso em 03/11/2017.

DETIENNE, Marciel. **Mestres da verdade na Grécia arcaica**. Prefácio de Pierre Vidal-Naquet. Tradução de Ivone C. Beneditti. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

EYLER, Flávia Maria Schelee. **Heródoto de Halicanarso (484 a. C.- 430/420 a. C.)**. In: PARADA, Maurício (org.). **Os historiadores: clássicos da história (de Heródoto a Humboldt)**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012. V. 1.

FERNANDES, Edrisi. **As origens orientais da cultura clássica: alguns apontamentos**. In: CORNELLI Gabriele; COSTA, Gilmário Guerreiro da (org.). **I Origens orientais da cultura clássica: alguns apontamentos, Estudos clássicos I: origem do pensamento ocidental**. Brasília: Cátedra UNESCO Archai; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em <[https://www.academia.edu/11344377/Ulisses\\_e\\_o\\_esp%C3%ADrito\\_ag%C3%B4nico\\_grego\\_o\\_her%C3%B4i\\_d\\_a\\_imagina%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_sacrif%C3%ADcio\\_e\\_do\\_conhecimento](https://www.academia.edu/11344377/Ulisses_e_o_esp%C3%ADrito_ag%C3%B4nico_grego_o_her%C3%B4i_d_a_imagina%C3%A7%C3%A3o_do_sacrif%C3%ADcio_e_do_conhecimento)> Acesso em 03/09/2018.

FINLEY, M.I. **Uso e abuso da História**. Tradução de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção o homem e a história).

GOODY, Jack; WATT, Ian. **As consequências do letramento**. Tradução de Waldemar Ferreira Neto. São Paulo: Paulistana, 2006. (Coleção biblioteca Básica).

GOODY, Jack. **O mito, ritual e o oral**. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópoles, Rio de Janeiro: Vozes, 2012. (Coleção Antropologia).

GUTERRES, Tiago da Costa. Heródoto versus khrónos: kléos, escrita da história e o autor em busca da posteridade. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

\_\_\_\_\_. Heródoto e os poetas: a *sphragís* e a manifestação autoral das *História*. **Dissertação de mestrado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

\_\_\_\_\_. Heródoto e a noção de verdade na historiografia grega: um breve comentário. **Revista Historiador**. 4. n. 4. a. p.15-22. Porto Alegre- RS, 2011. Disponível em <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>> Acesso em 09/05/2019.

HARTORG, François. **Os antigos, o passado e o presente**. Organizado por José Otávio Guimarães. Tradução de Sonia Lacerda, Marcos Veneu e José Otávio Guimarães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. **Evidência da história O que os historiadores veem**. Tradução de Guilherme João de Freitas. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Tradução de Jacynto Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Tradução de Ordep José Serra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996. - (Biblioteca básica).

HERÓDOTO. **História**. Tradução do grego por Pierre Henri Larcher. Revisão para o português de J. Brito Broca. Rio de Janeiro, 2006. (Clássico Jackson) Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>> Acesso em 12/11/2018.

JUNIOR, Roberto Mário Schramm. **Homero – prós e contras: a questão homérica como um problema de tradução e o problema da tradução como uma questão homérica**. Caderno de Letras, p. 81- 107, nº 23, Jul-Jan - 2014 - ISSN 0102-9576.

KLEIN, Júlio Cezar. A escrita da história em Heródoto. **Revista online sobre ontens**. Faculdade Estadual de Filosofia Ciências Letras União da Vitória. 2013. p. 11-26. ISSN: 21761876.

LEÃO, Delfim. **Ulisses e o espírito agônico grego: o herói da imaginação, do sacrifício e do conhecimento**. In CORNELLI, Gabriele; COSTA, Guerreiro da. (Orgs.). Estudos clássicos I: origem do pensamento ocidental. Brasília: Cátedra UNESCO Archa; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em <[https://www.academia.edu/11344377/Ulisses\\_e\\_o\\_espirito\\_agonico\\_grego\\_o\\_herói\\_da\\_imagem\\_do\\_sacrifício\\_e\\_do\\_conhecimento](https://www.academia.edu/11344377/Ulisses_e_o_espirito_agonico_grego_o_herói_da_imagem_do_sacrifício_e_do_conhecimento)> Acesso em 15/09/2018.

LIMA, Marinalva Vilar de; CORDÃO, Michelly Pereira de Sousa. História e historiografia antigas: a construção de um gênero discursivo. **Memorise Revista**. 1. v. 2. n. Universidade Federal de Campina Grande, 2010. p. 269- 291. ISSN: 2237-3217.

LOBATO, Vivian da Silva. **Revisitando a educação na Grécia antiga: a paidéia**. 2001. 39 f. Monografia (Centro de Ciências Humanas e Educação) Universidade da Amazônia – UNAMA.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florczano. São Paulo: EDUSC, 2004. (Coleção História).

MORAIS, Cynthia. **Maravilhas do mundo antigo: Heródoto, pai da História?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MORELO, Sonila. A relativização da verdade em Heródoto. **Dissertação de Mestrado em História**. Programa de Pós-Graduação em História FAFICH – UFMG. Belo Horizonte, 2000.

NUNES, Carlos Alberto. **Introdução: A questão homérica**. IN: HOMÉRO, **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

OTTO, Walter Friedrich, 1874-1958. **Teofania: o espírito da religião dos Gregos antigos**. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

OLIEIRA, Gustavo Junqueira Duarte. **Os poemas homéricos e a tradição épica oral da qual fazem parte: uma proposta alternativa para datação e utilização da Ilíada e da Odisseia como fontes históricas**. XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal –RN. 22 a 26 de julho 2013.

ROIZ, Diogo da Silva. A criação de uma identidade para o historiador e para seus escritos. **Revista de Ciências Humanas**. v. 42, n. 1 e 2. Florianópolis: EDUFSC, 2008. p. 245-250. Disponível <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/14584>> Acesso em 08//12/2018.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Heródoto e suas Histórias. **Revista de Teoria da História**. 7. a. 13. n. Universidade Federal de Goiás, 2015. ISSN: 2175-5892.

SANTOS, Dominique. A Escrita da História na antiguidade. **Revista de Teoria da História**. 7. a. 13 n. Universidade Federal de Goiás, 2015. ISSN: 2175-5892.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e Oralidade na Grécia antiga**. Tradução de Raul Fker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O mundo de Homero**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.